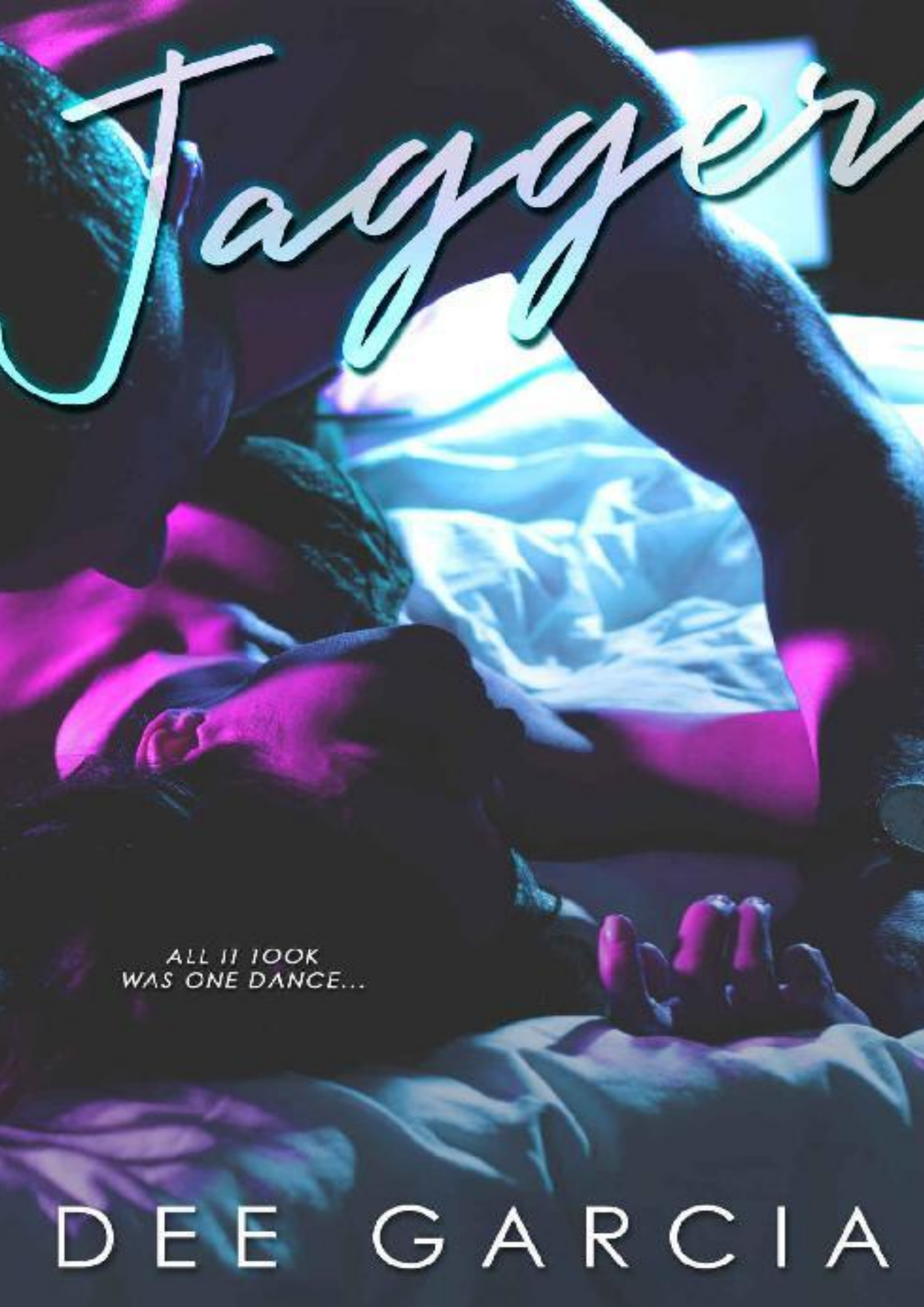

Jagger
ALL IT TOOK
WAS ONE DANCE...
DEE GARCIA



Doll Books

TRADUÇÃO: PATRICIA & BELLY

REVISÃO INICIAL: ANY

REVISÃO FINAL: LIVIA

LEITURA FINAL: FRAN

CONFERENCIA: AMANDA & IZABELLY

FORMATAÇÃO: IZABELLY

Dagger

DEE GARCIA

Jagger

DEE GARCIA

Esse é para todas as minhas garotas sujas...

Porque Jag é um garoto muito sujo.

Jagger

DEE GARCIA

O meu nome é Jagger. Jagger Monroe.

Na maioria das vezes, eu vou pelo Jag, já que é isso que eles gritam no alto de seus pulmões quando querem mais.

Eu sou um playboy - um stripper masculino em um dos tesouros escondidos de Sin City.

Bajulado e altamente cobiçado, essas vadias todas vêm aqui por uma coisa, e uma coisa só...

Para uma experiência com Jagger.

Uma experiência não exatamente para os fracos de coração.

Pretensioso? Talvez.

Mas o que posso dizer? Eu sou bom no que faço e sei disso sem nenhuma dúvida.

Até que tudo esteja batendo na minha bunda.

Entra, Vida Mendez.

Era para ser uma dança, mas uma dança rapidamente se transformou em algo que nem ela nem eu estávamos esperando.

Com a bagagem pesando em ambas as extremidades, nosso caso de redemoinho é um desastre literal esperando para acontecer.

Essa carreira já me custou muito, então por que diabos ela seria uma exceção à regra?

Jagger

DEE GARCIA

Playlist



Pony - Ginuwine

She Knows - Ne-Yo& Juicy J

Late Night Call - Alistair

Attention - Charlie Puth

Party Favors - Tinashe

The Hills - The Weeknd

Sex Therapy - Robin Thicke

Unforgettable - French Montana &Swae Lee

You Make Me Feel - Cobra Starship &Sabi

Crave You (Adventure Club Remix) - Flight Facilities

Drink You Away - Justin Timberlake

Dangerously - Charlie Puth

Capítulo 1



ALVOROÇO, assobios e gritos lascivos ecoam pela sala enquanto o — Pony — Ginuwine[1] acaba e as luzes azuis acima escurecem, deixando nós seis congelados no palco.

Ofegantes.

Suando.

Sorrisos astutos em nossos rostos. Sorrisos que têm o poder de descer calcinhas e arruinar uma mulher.

Mas elas não estão aqui por um capricho dos nossos lábios.

Não.

Elas estão aqui para nos ver balançando nossas bundas, balançando nossos quadris contra o palco e esperando que, junto com a remoção de nossas camisas, nós removeremos todo o resto também.

E quem somos nós exatamente, você pergunta?

The Men of SIX.[2]

Eu sou Jagger, mas o mundo me conhece como Jag. Então há Sinclair, que as senhoras apelidaram de Sin, Ronin mais conhecido como Rush, Dallas, também conhecido como Big D, Calvin, o ex-policial, e Paulie, nosso residente Guido.

Juntos, nós fazemos o mais quente entretenimento masculino na The Strip[3], e quando eu digo o mais quente,

[1] Música “Pony" de Ginuwine
[2] O Seis Homens.

quero dizer a porra absoluta mais quente. Por que mulheres de todas as formas, tamanhos e etnias pagariam, não apenas uma cobertura obscena na porta, mas também grandes preços de bebidas no bar, e uma taxa adicional para VIPs, e se elas se achassem interessadas em uma dança particular?

A verdade é que o preço é irrelevante quando a experiência é de platina e o ambiente é de alta classe. Pelo menos é o que a maioria dos nossos depoimentos diz. SIX pode ser a jóia escondida de Sin City[4], mas até mesmo o clube ou programa mais conhecido dentro do infame pátio de recreio adulto não tem nada sobre nós.

Protegidos por uma escuridão momentânea, os meninos e eu desaparecemos por trás da cortina preta e entramos no vestiário para uma pausa de dez minutos antes de voltarmos para a sala principal. Vou direto para a geladeira e pego um Red Bull[5], engolindo metade da lata enquanto meus irmãos se espalham pela sala e plantam suas bundas no assento mais próximo. Nós não somos irmãos de sangue, é claro, mas eu os conheço há tempo suficiente para considerá-los como tal.

— Que porra de show — diz Calvin de seu lugar no sofá.

Dallas e Paulie acenam enquanto Sin e Rush murmuram alguma forma de acordo.

— Você esqueceu de adicionar,*como de costume*, — indico, bebendo o resto da minha bebida estimulante.

— Quantas latas você deixou? — Sin pergunta abruptamente, fazendo-me abrir a geladeira novamente e contar um número de garrafas.

— Cinco.

---

[3] Casa de show
[4] Cidade do Pecado
[5] Bebida energética

— Jesus Cristo, Jag. Você acabou de comprar aquela porra a dois dias atrás.

— E? — Eu arremesso a lata esvaziada no lixo.

— E, essa merda vai te matar se você continuar bebendo como água.

— Sim, pai, o que você diz, pai.

— Para você é papai, filho da puta, — ele ri, e Dallas continua a rir alto, tenho certeza que Betty pode ouvir do bar.

Saudando-os com o dedo, eu tirei minhas calças e coloquei meu jeans desgastado, pegando minha roupa na mesa de café a caminho para porta.

— Quando você pagar minhas contas e me comprar um novo Audi, então você pode ser meu papai. Até lá, ajoelhe-se e foda-me, idiota.

Dallas uiva novamente, os garotos juntam com ele, e com um sorriso satisfeito, eu desço pelo corredor escuro e puxo a barra do meu boné sobre meus olhos enquanto passo pela cortina de privacidade para a sala principal.

Uma mistura barulhenta de conversa fiada, risadas e — She Knows[6] — imediatamente me bate como se tivesse levado um tapa na cara, a promessa de uma boa noite.

— Jagger! Jagger, venha aqui! — Eu ouço de algum lugar na multidão.

Eu sorrio.

Examinando cada mesa, não há um lugar vago na casa, procuro a fonte, só para que Sin apareça do nada e aponte um grupo de senhoras na parte de trás. Elas estão amontoadas em uma das cabines de couro, seus sorrisos maliciosos me dizendo tudo o que preciso saber, mesmo do outro lado da sala.

---

[6] Música “She Knows” de Ne-Yo & Juicy J

Ou está prestes a chover solteiras ou uma delas está me levando direto para o VIP no segundo em que me aproximo da mesa. Considerando que há quatro delas, acho que provavelmente será uma mistura dos dois.

Sin e eu batemos os punhos, e seguimos nossos caminhos separados, assim como o resto dos garotos saem da parte de trás incendiando o quarto. A noite está oficialmente em pleno andamento e dentro dos próximos quinze minutos, vai ser uma loucura com danças de colo, notas de dólares e fotos de corpo.

Entrar e sair pelas mesas até o meu destino nunca é uma tarefa fácil. Mãos bobas sempre estendem e me empurram para trás, risos e gracejos obscenos jogados ao redor na esperança de que elas vão chamar minha atenção. A menos que seja meu ponto de interesse, porém, seus esforços são fúteis.

Fofo, mas ainda fútil.

No entanto, eu vou piscar para elas e prometer voltar em breve, o que funciona como um charme de vez em quando.

— Boa Noite, senhoras, — eu cantei, finalmente me aproximando de sua cabine.

Quatro conjuntos de olhos tímidos me prendem no lugar, devorando-me inteiro da cabeça aos pés. Nunca envelhece. Através de sua inspeção ansiosa, noto que uma das garotas tem uma faixa cor-de-rosa brilhante com as palavras *Feliz aniversário, menina* penduradas em seu corpo.

— Alguém é maior de idade hoje à noite! — Eu sacudo minhas sobrancelhas e ela balança a cabeça vigorosamente.

— Eu já sou maior, baby. Comemorando vinte e oito anos, — ela grita de volta.

— De qualquer forma, você é a aniversariante, o que significa que você consegue a primeira dança.

— Droga, eu sei, VIP!

Chamei-a, não foi?

Olhando para o outro lado da sala, eu sinalizo o segurança que acena quase imediatamente, confirmando que a sala está livre.

Parece que a aniversariante está prestes a desembrulhar seu presente mais cedo ou mais tarde.

— Bem, vamos então. A sala está toda pronta para você. Eu estendo minha mão e ela rapidamente desliza a palma da mão na minha, levantando-se.

— Minha garota pode vir também? Nós somos uma espécie de pacote.

— Tudo bem por mim, princesa. O resto vem também? — Eu pergunto, meus olhos indo para onde as outras duas se sentam a poucos metros de distância.

— Não, somos só nós. Eu sou Desi, e esta é minha melhor amiga, Kat.

— Prazer em conhecê-las, senhoras. Vamos?

— Vamos, — Desi concorda, pegando a mão de Kat enquanto eu as guio a curta distância até a única sala privada da casa.

— ENTÃO KAT,você está aqui apenas para observar ou isso é realmente um especial um-para-dois? — Eu questiono depois de nos arrastarmos para a sala escura.

— Você é o único que vai observar. Sente-se— Kat responde sensualmente.

Minhas sobrancelhas se levantam quando eu olho ao redor.

— Eu não posso dançar se estou sentado.

— Não queremos que você dance, — acrescenta Desi, desabotoando a blusa. — Nós queremos jogar.

Porra.

Eu deveria saber. Essas duas gritaram problemas no segundo em que coloquei meus olhos nelas. Não que o problema seja um problema, nós simplesmente não oferecemos isso aqui. Ao contrário da crença popular, SIX não é um clube de sexo, e enquanto VIP é cem por cento privado, o quarto só é comprado por um máximo de quinze minutos.

Sim, claro, eu desobedeci as regras algumas vezes, e uma sozinha teria sido possível, mas duas, infelizmente, não é. Proporcionar-lhes a mesma atenção para levá-las a loucura, enquanto ainda me concedo um final feliz, não é possível.

Pelo menos não aqui.

Fora dessas paredes, essa é uma história muito diferente.

Puxando a minha roupa, eu passei a mão pelo meu cabelo e balancei a cabeça.

— Tanto quanto eu amaria, senhoras, eu não posso.

— Oh, vamos lá. — Desi avança em minha direção, agarrando a minhas partes intimas. — Estamos sozinhos aqui *e* é meu aniversário. Por que não aproveitar ao máximo?

— Porque temos quinze minutos, — eu reitero.

— E? — Ela pergunta.

— E não é possível.

— Tudo é possível, — Kat interveio, e em um movimento rápido as duas efetivamente me empurraram para o sofá, sorrisos diabólicos fixos no lugar.

Com Desi em uma perna e Kat na outra, eu observo enquanto elas me observam com olhares brincalhões que atingem a minha curiosidade.

Foda-se.

— Vocês já fizeram isso antes?

Os dois *grande problemas* agitam suas cabeças, lábios pintados presos entre os dentes.

— Você pelo menos beijou? — Eu pressiono.

Desi rapidamente sacode a cabeça novamente, enquanto Kat acena, dando um tapa no braço da melhor amiga.

— Não minta, vadia, — ela sussurra, para o que Desi revira os olhos.

— Tudo bem, nós já fizemos. Mas estávamos bêbadas e era um desafio, então não vejo que isso conta.

— Oh, isso conta. — Eu sorrio, meus olhos cintilando entre as duas.

Isso vai ser divertido.

— Você teria feito isso se não fosse um desafio?

Kat e Desi olham uma para a outra, correspondendo sorrisos devagar enrolando seus lábios.

— Vou tomar isso como um sim. — Eu deslizo minhas pontas dos dedos das coxas até a curva de suas cinturas. — Venha aqui.

— Quem? — Pergunta Kat.

— Vocês duas.

Eu sei muito bem que eu não deveria estar fazendo isso, mas obviamente não vou estar dançando, então foda-se tudo. Elas me querem, e honestamente são muito sexy para recusar.

Um pouquinho nunca machucou ninguém.

Prendendo seus queixos em minhas mãos, eu as puxo para perto, nossos lábios escovando simultaneamente, explorando em um ritmo lento com línguas provocantes no meio. Quando eu belisco, elas sugam, gemidos suaves borbulhando em suas gargantas quanto mais faminto nosso beijo se torna. Eu me dedico apenas por um segundo a mais antes de me afundar no sofá de couro macio para apreciar o pequeno espetáculo que acontece no meu colo. Estou arrebatado pela visão delas; a maneira delicada em que elas se beijam, como cada toque de suas línguas é uma conexão direta com o meu pau, me empurrando sob o tecido áspero do meu jeans. Suas risadinhas brincalhonas garantem que o meu problema não passou despercebido e, aparentemente, sua presença só as alimenta em sua conquista. Kat empurra os dedos no cabelo de Desi no mesmo momento em que Desi bate nas costuras do vestido de Kat, as duas puxando a outra para mais perto. Elas estão tão apertadas juntas, tenho certeza de que nem mesmo uma folha de papel pode passar entre elas.

Tirar meus olhos longe delas não é de forma alguma fácil, mas o relógio na parede queima um maldito buraco na minha cabeça. Manter o controle do tempo é um hábito constante sempre que eu estou no quarto VIP, e para meu desgosto, nossa sessão deve terminar a qualquer minuto.

— Senhoras, — eu digo baixinho, batendo primeiro na bunda de Kat, depois na de Desi.

Elas gritam de alegria e se voltam para mim, os lábios inchados, as bochechas coradas de um rosa perfeito, os olhos brilhando de malícia.

— Acabou o tempo.

As pequenas e sexy garotas ficam tristes enquanto Kat reclama:

— Nãooo.

Eu aceno contra o meu melhor julgamento, amaldiçoando silenciosamente Betty por sua regra de quinze minutos.

— Sim.

— Jag, por favooor, — lamenta Desi.

— Não podemos, não aqui.

— Então volte para o nosso hotel, — ela deixa escapar, ao que Kat acena com entusiasmo. — Estamos literalmente na mesma rua daqui.

Olhando entre elas com a oportunidade de um inferno de noite pendurado ao alcance, eu decido pegá-lo. Você realmente não acha que eu ia recusar agora, não é?

— Tudo bem, mas não fechamos até as 3 da manhã.

— Nós vamos estar no hotel, — Kat me garante. — Quarto 394.

Quarto 394 então...

Capítulo 2



ÀS TRÊS E MEIA, me vejo em frente ao quarto de hotel de Kat e Desi, como prometi, pressionando meu ouvido na porta. Tudo o que posso ouvir é o som fraco de múltiplas vozes e uma gargalhada saindo claramente da TV.

Droga.

Elas provavelmente desmaiaram, o que significa que estou mais do que provavelmente voltando para o meu carro com o pior caso de bolas azuis, nunca visto antes. Ainda assim, bato na porta e escuto o menor movimento do outro lado, esperando que o som possa acordá-las. No começo, estou quase certo de que estou ouvindo merda, mas só fica mais alto até que seja evidente que uma delas está espiando pelo olho mágico.

Três…

Dois…

Um…

A porta se abre, revelando uma Kat sorridente.

— Ei, Jag.

— Ei, — eu ofereço suavemente, piscando-lhe um sorriso.

Revirando os olhos, ela coloca um polegar atrás de si.

— A princesa desmaiou.

Porra, eu penso comigo mesmo, esfregando a parte de trás da minha cabeça enquanto a decepção toma conta. Meu pau quase grita em agonia.

— O que aconteceu com nós vamos estar esperando?

Kat ri e abre a porta um pouco mais, engatando um ombro.

— Acredite em mim, tentei mantê-la acordada. Ela teve uma longa semana no trabalho.

— Está tudo bem. Eu admito, essa porra é uma droga.

Olhos verdes brilhantes me olham curiosamente por um instante antes de ela perguntar:

— Quer acordá-la?

Sua pergunta me pega desprevenido para dizer o mínimo.

— Sério?

Assentindo rapidamente, ela se afastou para me permitir entrar.

— Isso aí. Vamos lá, vai ser divertido.

Eu entro para dentro da sala antes que minhas costas atinjam a parede, sua mão caindo no meu peito, um dedo sobre seus lábios.

— Shhh. Apenas dois minutos, — ela sussurra, um sorriso lascivo arrastando em seu rosto.

Minha sobrancelha esquiva quando eu a observo. Ela é uma coisinha mal-humorada e ela parece boa o suficiente para comer em seus pequenos shorts, toda coxas grossas e bunda deliciosa. Eu estendo a mão e aperto-a pela cintura, minhas mãos deslizando pelas curvas de seu corpo enquanto nossas bocas colidem em um beijo frenético.

— Você é má, — murmuro em meio a sua agressão.

— Dois minutos não vai matá-la — *beijo* —Além disso, tudo será perdoado uma vez que ela esteja acordada e ela perceber o que está acontecendo.

— Certo, — eu concordo, enrolando meus dedos sob a bainha de sua blusa enquanto tropeçamos ainda mais na sala.

Rompendo o tempo suficiente para que eu tirasse a roupa ofensiva sobre sua cabeça, eu a joguei no chão antes de nossos lábios se fundirem mais uma vez a caminho da cama. Com um rápido estalo, eu solto o sutiã. Ela encolhe os ombros, arremessando-o em algum lugar em nosso rastro. Minhas mãos instantaneamente voam para os seios dela. Eles não são enormes, mas definitivamente não são pequenos - um bom tamanho, tão macio e redondo... e um pouco frio?

Meus olhos caem entre nós. Dois minúsculos diamantes adornando cada lado de seus mamilos cumprimentam meu olhar questionador, trazendo o filho da puta ansioso preso em minha calça jeans para a vida.

Kat ri baixinho, diversão e satisfação irradiando dela em ondas escaldantes que instantaneamente me impulsionam ainda mais em ação. Empurrando-a para a cama, eu cubro seu corpo com o meu próprio e pego um mamilo rígido entre os meus dentes, minha língua girando em torno da combinação inebriante de aço e carne macia. Um gemido fraco cai de seus lábios, borbulhando um gemido áspero no fundo da minha garganta com a imagem dela se desenrolando para mim.

— Desi, — ela geme enquanto eu desvio para o outro, beliscando o mamilo que eu abandonei segundos antes.

— Dois minutos, lembra? — *Chupar.*— Eu quero provar você.

Ela geme de novo, suas costas arqueando para fora da cama, me convidando a descer e abaixar *e abaixar*... Em um

movimento rápido, eu tiro seus shorts - junto com sua calcinha - jogo no chão atrás de mim, a visão de sua linda boceta já brilhando com sua excitação esticando meu pau contra o meu jeans além do ponto de dor.

Eu não posso mais aguentar.

Desfazendo rapidamente o botão, puxo o zíper e me liberto enquanto me ajoelho entre suas pernas, me acariciando o suficiente para deixar o sangue fluir.

Eu nunca faço uma foda rápida, mas eu vou acabar com tudo em todo o lugar no momento em que Desi entra na mistura,*se não antes.*

Inclinando-me mais perto, eu deslizo minha língua para fora contra o sexo de Kat e faço meu caminho para cima com prazer, girando a ponta em círculos lentos ao redor de seu clitóris, o que a deixa tremendo ao meu alcance.

— Foda-se... — Ela sussurra, mãos inquietas apertando seus seios em um aperto de morte.

Eu a como diabolicamente, sem piedade. Se você fosse um estranho olhando, você pensaria que eu não comia há semanas; lábios, língua e dentes lambendo, sugando e chupando cada centímetro de sua boceta até suas pernas tremerem.

Escorrendo seus sucos e cobrindo meu queixo, eu a pressiono no colchão e reivindico sua boca em outro beijo duro. Ela choraminga em necessidade, desenhando um sorriso triunfante em meus lábios.

— Pronta para acordá-la? — Meu tom é profundo, rouco, mas ela balança a cabeça sem hesitação e me empurra para longe, seu peito arfando através da onda de desejo.

Eu nem pisquei e ela está de joelhos, bunda deliciosa no ar enquanto ela rasteja pela cama até onde Desi milagrosamente adormece apesar do nosso momento

aquecido. O único problema é que ela está indo na direção errada...

Golpeando sua bunda, eu a puxo de volta entre as minhas pernas pelos tornozelos, balançando a cabeça enquanto a repreendo em diversão.

— Eh, eh, eh, lugar errado, menina bonita.

Os olhos de Kat se arregalam em realização.

— Jag, nunca...

— Você confia em mim? — A pergunta abrupta interrompe sua objeção.

— O quê?

— Você. Confia. Em. Mim? — Pergunto novamente, enunciando cada palavra com clareza.

— Sim, — ela engole. — Eu acho.

— Então não pense, e leve sua bela bunda entre as pernas dela. Você não gostaria de acordar assim?

— Sim, — ela responde imediatamente, inclinando a cabeça para um lado.

Eu sorrio diabolicamente.

— Exatamente.

E assim, qualquer dúvida que ela teve sobre minha demanda inicial se evapora no ar. Acomodando-se entre as pernas de Desi, Kat desliza os dedos por baixo do cós das calças de pijama da aniversariante e puxa-as gentilmente, expondo um centímetro após o outro da pele lisa. Estou instantaneamente em transe, quase incapaz de cortar meus olhos... Mas se eu não fizer isso, então serei inútil na equação e isso não é uma opção do caralho.

Eu estarei comendo as duas antes de sair por aquela porta.

Pairando sobre Desi, eu vou para a matança, lambendo uma trilha ao longo de seu pescoço até a orelha.

— Desi, — eu sussurro, beijando o seu caminho para o outro lado quando ela vira a cabeça. — Desi, acorde.

O gemido mais macio e inaudível passa por seus lábios enquanto ela se mexe no meu lado e nos esforços combinados de Kat. O som é uma luz verde para nós dois. Mordendo a curva oposta, inconscientemente, atrai seus dedos para o meu cabelo no mesmo momento em que seus quadris se afastam levemente da cama. Kat cantarola apreciativamente e eu sinto, ao invés de ver as pernas de Desi na cama.

— Desi, acorde, — eu tento novamente, arrastando as pontas dos meus dedos ao longo da sua barriga.

Isso a faz acordar.

Profundos olhos dourados se abrem, ajustando-se à luz,*para dobrar aos cuidados rapidamente, dirigindo-a ao precipício*. Testemunhar o momento exato em que o reconhecimento aparece em seu rosto, quando ela vê pela primeira vez a performance em que ela está entrando é inestimável.

— Puta merda, — ela geme, sua boca caindo frouxa quando uma onda de prazer, aparece no rosto dela. — Jag?

Eu sorrio.

— O primeiro e único. Você acordou agora, princesa?

— O que você acha?

— Acho que sim. Estava esperando você acordar. Venha aqui…

Agarrando seus quadris exuberantes, eu caio de costas e puxo Desi em cima de mim, sua camiseta ondulando no meu rosto, afogando minha visão na escuridão súbita.

Eu não posso deixar de rir.

O riso rapidamente desaparece quando eu sinto algo quente e úmido deslizar sobre meu pau a tempo com a visão sem precedentes de Desi tirando sua camisa sobre sua cabeça.

Gemendo, eu pego um punhado de seu cabelo e outro de sua bunda quando ela deixa cair seus lábios nos meus, seus seios cheios pressionando contra o meu peito enquanto a boca de Kat trabalha magia no meu pau. É uma sobrecarga de estímulo e, aparentemente, Desi geme em minha boca. Só então eu percebo que Kat está fodendo nós dois, seus dedos enterrados profundamente na boceta de Desi enquanto ela chupa e lambe o meu pau.

— Jesus Cristo, porra, Kat, — Desi deixa escapar, seus olhos apertados com força, para o qual Kat cantarola com atenção.

Ela continua sem hesitar também, fazendo-nos a ambos gozar até que, de repente, até que os lábios de Desi nos meus chega a um ponto insuportável. É como correr de cara em uma parede de tijolos, meu pau latejando em uma dor excruciante de abandono repentino. Estou a ponto de protestar através da onda de insanidade quando o doce alívio me inunda antes que eu possa pronunciar uma palavra.

Kat me embala com um preservativo e alinha a cabeça do meu pau na entrada de Desi, rapidamente empurrando-a para o meu comprimento até que eu esteja preenchendo-a. Eu assobio quando seu calor me envolve no mesmo momento em que ela se senta e joga a cabeça para trás, ajustando-se à inesperada intrusão.

— Puta merda, você é um menino grande, — ela geme, revirando os quadris lentamente, sua boceta apertando em torno de mim como um torno.

— Ele é, — Kat ri, e quando eu espreito em torno de Desi, eu a pego no final da cama apreciando completamente a vista, seus dedos vagarosamente trabalhando sua boceta.

Desi olha por cima do ombro também e ri.

— Sua cadela suja.

— Culpada. Agora, apresse-se e venha. Eu também quero um pouco.

Isso faz dois de nós, menina bonita.

A princípio, começo a bombear meus quadris, estimulando Desi a cavalgar. Quanto mais ela se mexe em mim, mais eu dirijo para ela, minhas mãos atraídas para seus seios. *Os dela* são grandes e muito parecidas com os de Kat, suaves e redondos.

Eu preciso deles na minha boca.

Mas eu também quero o traseiro de Kat.

Eu preciso e quero tudo, tudo como o filho da puta ganancioso que sou porque está à *minha* disposição. Elas vieram para mim. Eu não fiz nada.

E eles são a combinação perfeita, sexy e letal das melhores maneiras possíveis.

Diga comigo... *porra do céu.*

Com um duro tapa na bunda de Desi, saio como uma britadeira, enfiando forte dentro dela sem reservas; uma mão no cabelo dela, um braço enrolado em sua cintura, e eu sei que estou chegando perto, ou realmente,*ela está* se aproximando. O jeito que a boceta dela me aperta diz tudo. Então eu continuo, chupando um mamilo aqui, batendo em sua bunda ali, até que finalmente ela desmorona, sua testa caindo no meu ombro enquanto eu a seguro através da monstruosa onda de seu orgasmo. Estremecendo ao meu alcance como um brinquedo que foi solto, uma série de gemidos enchendo o ar.

Eu não desperdiço o tempo e puxo para fora, colocando-a de costas depois disso. Eu ainda estou mais duro que uma

porra de pedra e a necessidade de liberação está me deixando louco, mas eu preciso que Kat goze primeiro.

— Pronta, menina bonita, — eu ofego, acariciando-me.

Kat sorri e rasteja para mim como a gatinha safada que ela é.

— Esteja pronto. Diga-me onde você me quer.

— Fique em cima dela, de joelhos.

Ela desliza para a direita em fica de quatro, e porra, é sempre uma linda imagem de merda. Eu dou uma boa olhada nela, catalogando, e deslizo para dentro dela por trás, saboreando a sensação de sua vagina em volta de mim.

Jesus cristo, porra.

Ela é tão quente, molhada para caralho. Diferente, de um jeito bom.

E a bunda dela, essa bunda está finalmente bem onde eu quero, me implorando para deixar minha marca. Minha palma encontra sua pele e ela solta um gemido gratificado, pedindo-me para foder com mais força. Ela e Desi estão tramando algo, também, algo que eu não consigo ver com as madeixas escuras de Kat derramadas sobre elas como um véu...

Mas eu posso ouvi-las - uma trilha sonora que corre todo o meu sangue direto para o meu pau, mais agudamente do que antes.

— Mais forte, Jag... — Desi incentiva, e é então que eu posso ver sua mão apertada em torno da garganta de Kat.

Fale sobre o esforço de uma equipe.

Literalmente.

E estou prestes a gozar.

Cobrindo suas costas com a minha frente, eu serpenteio uma mão entre as pernas e trago meus dedos para seu clitóris, esfregando círculos frenéticos que deixam Kat sem fôlego em segundos. Eu estou bem ali com ela, minha cabeça cai para trás com um gemido áspero quando eu gozo mais forte do que eu já gozei em um longo tempo...

É disso que os sonhos molhados são feitos.

Capítulo 3



UM CORPO QUENTE aconchega-se mais perto do meu lado, sua perna passando pela minha cintura, uma pequena mão arrastando suavemente pelo meu peito.

— Jag, — gemeu Kat, sua voz pesada carregada de sono. — Seu telefone.

Meu telefone?

Sim. Em algum lugar do outro lado da sala, meu telefone está de fato tocando, o som é cada vez mais irritante quando eu chego. Esfregando meus olhos, eu os abro para uma suíte agora iluminada, as cortinas do hotel mal sufocando os raios grossos da luz do sol ameaçando irromper.

Exausto não mostra bem como me sinto.

Em um dia normal, eu teria ignorado a chamada e voltado a dormir, mas ninguém nunca me liga tão cedo.

Então, quem diabos é isso e que porra eles querem?

Apertando a bunda de Kat, dou-lhe um pequeno tapa, empurrando-a para fora do meu braço que, milagrosamente, não é uma bolha depois de ter dormido por horas. Eu consigo sair da cama sem acordar Desi, e tropeço pelo quarto, seguindo o rastro de roupas esquecidas até onde minhas calças estão empilhadas em cima dos meus sapatos.

Pegando meu telefone livre de um dos bolsos, ainda com a visão de *seu* nome na tela. É muito possivelmente o pior despertar sempre e definitivamente não é o que eu quero ver às 8 da manhã. Mas eu me encontro respondendo de qualquer maneira, porque se eu não atender, ela continuaria ligando até que eu atendesse.

— Olá?

— Onde diabos você estava? Eu liguei para o seu maldito apartamento desde ontem.

Suspirando profundamente, eu arrasto minha bunda para o banheiro e fecho a porta com um clique suave, encostado na penteadeira.

— Eu estava ocupado, Calla. Se fosse urgente, por que você não ligou para o meu celular?

— Eu não deveria ter que procurar você, Jagger. Sua filha queria falar com você, então liguei apenas para agradá-la. Mas você sabe, como sempre, você está ocupado demais para ela.

— Porra? — Eu rosno, minha cabeça recuando quando a raiva instantaneamente acendeu em minhas veias. — Eu estou sempre lá para atender as chamadas de Mila.

— Sim, suas chamadas. É sobre isso.

— Sério? É tudo que você permite! Eu a vejo três vezes por mês, se é que chega a ser isso, e mesmo assim ela não pode passar a noite, apesar de todas as vezes que eu e ela pedimos para você deixá-la ficar. Que diabos eu fiz para merecer ficar longe da minha filha?

— Você tomou sua decisão, Jagger. Agora lide com isso, — ela rosna, e meu sangue ferve ainda mais.

Ela tem algum nervo.

— Você está brincando comigo? Você age como se eu fosse trazê-la para o clube e deixá-la ver o pai dela abaixar toda a primeira fila.

Calla zomba.

— Não é exatamente uma imagem que eu quero imaginar.

— Por quê? Porque não é você quem está sendo fodida? Não é minha culpa que suas inseguranças e falta de confiança a levaram a se afastar.

— Nem mesmo vá lá e tente colocar essa merda em mim! Eu te dei um ultimato e você...

— Um ultimato que nunca deveria ter sido posto em prática, — eu interrompo com um grunhido meu. — Se você me amasse tanto quanto você alegou, você teria confiado em mim.

— Confiar em você? Você queria que eu confiasse em você depois que você chegou em casa falando sobre se tornar um stripper? Eu estava grávida de cinco meses, Jagger! O que diabos você realmente esperava?

Apertando a ponte do meu nariz, eu respiro fundo e vou me acalmar antes de abrir a boca novamente.

— Por que estamos tendo essa conversa novamente, Calla? É a história, como deveria ser e sempre será.

— Porque você teve que ir e abrir sua boca grande e estúpida.

— Eu? Não foi você que... Você sabe o que, — eu digo, resignado, — Apenas esqueça isso.

Eu poderia ter continuado discutindo, poderia ter me defendido mais assertivamente.

Mas é melhor assim.

Por quê?

Porque isso aqui é um tópico recorrente. A cada poucos meses, Calla sempre encontra maneiras de voltar ao passado - geralmente usando nossa filha como munição - e, como em todas as outras ocasiões, acerta-me com ele.

A verdade é que eu odeio, e Deus sabe que eu tento manter a calma, mas não é tão fácil de ignorar quando eu sei que ela está manchando minha imagem para Mila no dia a dia.

Ela quer que ela me odeie.

Não, ela realmente não disse isso, mas não é preciso um cientista para tomar nota de suas intenções silenciosas. Sabe, eu poderia ter entendido que ela queria proteger Mila *se* eu fosse um pai de merda.

Mas eu não sou.

Eu amo minha filha com cada fibra do meu ser, e talvez isso seja o que a alimenta; o fato de que eu amo Mila mais do que a amei. Talvez seja por isso que ela mantém a minha filhinha longe de mim, na esperança de que quanto menos eu a ver, mais meu amor por ela acabaria, dando a ela a oportunidade de apontar o dedo para mim e me rotular como o cara mau.

Notícias rápida para ela, se ela já não tivesse percebido isso ainda...

Isso nunca vai acontecer.

— Não fui eu que o quê? — Calla se protege depois de uma batida silenciosa.

— Eu disse esqueça. Agora me diga o que é tão importante que você se sentiu compelida a me chamar às oito da manhã, no domingo mesmo assim?

— Você não ouviu uma palavra que eu disse? Mila quer falar com você.

— E você não poderia ter esperado até pouco depois? Você sabe que eu saio tarde aos sábados, — eu grito.

— Não, eu não podia esperar. Sua filha tem esperado toda a porra do fim de semana para falar com você, e eu não estava prestes a sentar aqui e vê-la amuada novamente porque você não está disponível. Se acordar cedo para acomodar as necessidades da sua filha é tão difícil, então talvez você devesse pensar em encontrar, eu não sei, um trabalho normal.

Respire, Jag. Respire.

— Eu estou disponível. Você só escolheu ligar para um número que raramente está disponível. Se você ligasse para o meu celular antes, não teríamos essa conversa agora.

— Sim, bem, eu liguei no primeiro número que apareceu na agenda do telefone.

— E quando eu não respondi, você deveria ter ligado no próximo.

— Seja como for, Jagger. — Ela bufa e eu posso ver seus olhos fora das órbitas.

— Apenas coloque-a no telefone, Calla. Eu não tenho tempo para suas besteiras.

— O que real…

— Basta colocá-la, — eu grito, porque eu já tive o suficiente dela.

— Tudo bem… Mila. Mila! — Ela grita.

Eu tenho que moer minha mandíbula com força. O jeito que ela fala com ela às vezes…

Alguns segundos depois, a doce voz de minha filha substitui a de sua mãe.

— Oi papai.

Eu sorrio baixinho.

— Oi, menina

— Você pode vir me buscar? — A tristeza em sua voz parte meu coração ao meio.

E o que dói mais é saber que vou desanimá-la mais quando respondo:

— Eu não posso, anjo. Hoje não.

— Por que não? — Ela lamenta.

— Porque sua mamãe trabalha amanhã e você sabe que ela não vai deixar você passar a noite comigo.

— Mas isso não é justo! Eu quero estar com você!

— Mila! Dê-me esse telefone — grita Calla com raiva, voltando a pisar no quarto.

É preciso todas as minhas forças para que eu não exploda com ela quando arranca audivelmente o telefone do alcance de nossa filha e, por sua vez, rosna para mim:

— O que diabos você disse a ela?

— Eu não posso pegá-la.

— E por que diabos você diria isso a ela? — Ela sussurra.

— Porque você não vai permitir isso. É domingo, lembra?

— Oh, que conveniente, certo?

— Não é conveniente quando é a verdade. Você sabe muito bem que você não vai me deixar buscá-la, — eu digo, mal me mantendo calmo com Mila claramente em lágrimas em algum lugar no fundo.

— Não com essa atitude desagradável sua, eu não vou.

— Minha atitude desagradável? Você está se ouvindo agora? Não é de admirar que ela queira passar um tempo comigo.

— Porra. Você. Jagger. Apenas foda-se, ok? Deus, eu não suporto você! O dia em que Mila completar dezoito anos será o melhor dia da minha vida, — ela exclama, pisando em torno de seu apartamento como a criança que é.

— O sentimento é mútuo, Calla, confie em mim. Vou ligar novamente esta noite antes que ela vá para a cama.

— Não vamos continuar essa discussão.

Clique.

Puxando o telefone da minha orelha, eu olho para a tela em estado de choque.

Ela desligou na minha cara.

Não é a primeira vez que ela faz isso, mas o que é foda e real? Eu gemo de frustração e jogo meu telefone no balcão, abrindo a torneira para jogar um pouco de água no meu rosto. Meu coração dispara e não de um jeito bom. Eu preciso me acalmar.

Mas como diabos eu devo fazer isso quando sei que minha filha está sofrendo? Inferno, estou sofrendo também.

Muito.

TOC Toc.

O som suave me tira a atenção daqueles pensamentos pesados. Agarrando uma das toalhas ao meu alcance, eu limpo meu rosto e abro a porta para encontrar Kat do outro lado. Um pequeno sorriso surge em um canto da boca, olhos verdes sonolentos me encarando com simpatia.

— Eu preciso fazer xixi, — diz ela se explicando, mas eu sei que ela ouviu o que aconteceu, pelo menos uma parte dele.

— É todo seu. — Eu beijo sua bochecha.

Ela me pega pelo braço, me levando a balançar a cabeça para trás enquanto eu paro.

— Você está bem?

— Eu ficarei, uma vez que você traga sua bela bunda de volta para a cama, — eu brinco, porque porra eu preciso de uma distração de toda essa merda agora.

— Dê-me dois minutos.

Eu levanto dois dedos.

— Dois minutos, é tudo que você ganha.

Kat acena com a cabeça e fecha a porta enquanto eu passo pelo quarto e deslizo de volta para a cama, arrastando a mão ao longo das curvas de Desi. Ela se agita com um zumbido e espreita por cima do ombro.

— Você está acordado agora?

Eu rio. Essa garota poderia dormir durante uma guerra.

— Eu recebi um telefonema, — explico em diversão.

Ela olha para mim como se eu fosse louco.

— Nesta hora? Quem diabos era?

— A mãe da filha dele, — diz Kat antes que as mesmas palavras possam sair da minha boca.

Com um sorriso, ela rasteja em nossa direção e se acomoda no meu colo no momento em que Desi se vira e passa as unhas no meu braço.

— Precisa de nós para matar uma cadela, Jag?

Kat é rápida em concordar e eu sou mais rápido em rir porque é fodidamente adorável.

— Seria a solução perfeita, com certeza, mas eu posso lidar com ela. Ela só fica sob meu encalço às vezes.

— Bem, que tal tirarmos sua mente da puta mais uma vez antes de pegarmos a estrada, — sugere Desi.

Eu deveria sair daqui agora, sei que deveria, mas não faço objeções.

Que filho da puta saudável sairia?

Aqui vamos nós novamente...

Capítulo 4



— BEM, BOA TARDE PARA VOCÊ TAMBÉM, — Betty, a proprietária, me cumprimenta com sua voz habitual enquanto eu entro no clube no fim de semana seguinte.

Congelando no meu caminho, viro a cabeça na direção dela, uma expressão irada marcando meus traços como foi durante toda a semana. Não é dirigido a ela e, claramente, ela sabe disso, mas, mesmo assim, sua sobrancelha franze curiosamente quando ela se inclina sobre o balcão, dando mais uma tragada no cigarro.

— Que diabos aconteceu?

— Nada, — eu estalo, passando a mão pelo meu cabelo. — É apenas Calla e sua besteira de sempre.

— Então, se é habitual, por que o comportamento de merda?

— Porque ela tem a capacidade de ficar no meu pé como ninguém.

— Porque você dá a ela o poder, — ela responde, soprando uma nuvem de fumaça.

— O quê? Porra, não, eu não dou.

— Sim, você faz. Você já sabe que ela é vingativa. E ela é assim porque, independentemente do que ela diz, ela quer sua atenção.

— Então, porque ela quer a minha atenção, isso significa que ela pode apenas manter Mila longe de mim?

— Não, — Betty balança a cabeça, — isso é parte da vingança, mas ela vai chamar a atenção de qualquer maneira que conseguir. Mesmo que seja usando sua filha.

Provavelmente verdade, mas eu simplesmente não consigo acreditar.

— Você está brincando certo?

— Eu queria estar.

— Então o que eu devo fazer? Ignorar e a deixar latir para mim?

— Sim. Interaja com ela apenas onde Mila é o assunto, — ela diz, como se fosse tão fácil para caralho.

Mas Calla não faz nada fácil. Ela nunca será. A pessoa que ela se tornou não permitiu isso. Eu poderia honestamente dizer que me arrependi de cada minuto que passei com ela, mesmo aqueles que, em um momento, eram boas. A única coisa - a única coisa *realmente* boa - que veio de estar com Calla era nossa filha.

— Apenas viva sua vida, Jagger, — Betty continua quando eu não respondo. — Eu sei que há uma criança envolvida, mas não a deixe fazer isso com você.

Eu fico ali, imóvel. Sem palavras.

Betty está certa? Poderia essa constante confusão com Calla possivelmente desaparecer se eu simplesmente não lhe der atenção?

Isso a provocaria a afastar Mila de mim ou a falta de argumentos e confrontos a tornaria mais fácil de lidar?

Eu acho que a verdadeira questão é, eu poderia realmente fazer isso?

— Jag, Betty. — A voz de Sinclair explode de repente quando ele entra pela porta da frente.

Eu inclino meu queixo para sua saudação e volto para Betty, que agora está puxando uma garrafa de Jack de uma das prateleiras atrás do bar. Ela então pega três copos de doses, enche-os até a borda e empurra dois em nossa direção com um sorriso nos lábios. Sin e eu sabemos melhor não recusar uma bebida dela, então nos arrastamos para frente e pegamos o uísque oferecido, tomando-o com uma prática costumeira.

A queimadura na minha garganta é mais do que bem-vinda, uma lembrança de um passado não tão distante também, mas eu poderia dar três fodidas quando atingir o ponto dolorido bem no meu núcleo.

Quem quer que pague por uma dança esta noite é uma verdadeira merda, com certeza.

Assim que nossos copos chegam ao topo do bar, Betty os pega e nos acena, esmagando o cigarro no cinzeiro mais próximo.

— Tudo bem vocês dois, saiam. Vá se preparar e faça o que quiser para não sobrecarregar um de meus clientes. As portas abrem em trinta minutos.

Típica Betty.

Sin e eu rimos e seguimos pelo clube até os fundos em um silêncio confortável. O DJ já está por trás do estande preparando sua música para a noite, assim como as garçonetes que se sentam em uma mesa próxima, conversando antes de ficarem agitadas até as primeiras horas da manhã. Seus olhos brilham quando nos veem, riem e zumbem de aprovação nos seguindo enquanto os mostramos sorrisos quase idênticos.

— Ei, Jag. Ei, Sin. — Múltiplas vozes soam vorazmente.

Nós não paramos, no entanto. Tão fofas como elas são, não brincar com as garçonetes é outra das regras de Betty, uma das quais eu e os garotos realmente aderimos. As coisas

podem ficar confusas com elas sendo colegas de trabalho e nenhum de nós tem tempo para essa merda.

Deslizando por trás da cortina de privacidade, Sinclair e eu andamos pelo escuro até o camarim. Eu posso ouvir Rush falando sobre algo enquanto Calvin uiva sua risada habitual. Só de ouvir meus meninos me deixa de bom humor. Envolvendo uma mão ao redor da maçaneta, eu abro a porta e corro para dentro com Sin ao meu lado.

— Bata, bata, filhos da puta. Papai está em casa!

ALGUMAS HORAS DEPOIS, eu estou em um strip-tease profundo com essa loirinha sexy, sua bunda empinada ao meu alcance enquanto ela rola para mim no ritmo da música.

Sim, eu sei, geralmente não é como isso funciona, mas tenho certeza que não estou reclamando.

Em algum momento durante a minha dança - com suas amigas incitando-a, devo acrescentar - ela mudou para o meu colo para me dar sua própria provocação. E eu a deixei fazer sua merda, sou tocado depois de algumas tentativas, e os pequenos gemidos que ela faz quando eu a pressiono contra o meu pau é exatamente o que eu quero ouvir depois de uma semana longa de lidar com as besteiras de Calla.

— Ei, Jag! — Eu ouço Ronin em algum lugar em meio *a* voz *de Tinashe*[7] explodindo pela sala.

Com a minha mão em…

Porra, qual é o nome dela?

Hum… Eu acho que é Maci, então vamos com isso.

---

[7]Tinashe – Cantora Americana

Com a mão enfiada no cabelo de Maci, dou um tapinha na bunda dela e olho em volta da pequena moldura para encontrar Rush. Ele está bem na beirada da mesa, aquele sorriso cínico firme no lugar.

— Você recebeu um pedido. Despedida de solteira.

Eu levanto dois dedos e ele balança a cabeça em compreensão, voltando para a loucura para começar outro serviço.

— Você ouviu o homem, eu tenho que ir, — eu digo a Maci.

Ela projeta o lábio inferior.

— Bom, isso não é justo. Eu estava prestes a transportá-lo para sala VIP.

— Me dê uma hora e eu farei melhor que sala VIP. — Eu sorrio.

Como meu carro.

Maci assente com uma piscadela sensual enquanto eu a ergo do meu colo e a coloco de volta na cabine com suas amigas, saindo em busca de Ronin sem olhar para trás. Meu pau não está feliz para caralho, mas eu tenho um trabalho a fazer, e o dinheiro vem primeiro. Não é como se não estivesse batendo naquela boceta na parte de trás da minha LC em breve. Eu disse a ela uma hora, mas garotas como ela operam todas da mesma maneira.

Fácil.

Previsível.

Eu poderia levar três horas e ela ainda estará esperando por mim.

Rush está pairando sobre uma cabine coberta de parafernália de despedida de solteira rosa quando eu me aproximo ao lado dele e deslizo um braço ao redor de seus

ombros, rapidamente examinando o pequeno grupo de senhoras que claramente ultrapassam o limite.

Rindo, soltando suas palavras, os nove metros inteiros e bêbadas.

Sim, isso vai ser divertido.

É quando noto a mulher no final. Uma perna cruzada sobre a outra, ela se inclinou para frente em um cotovelo, pegando um copo de vinho. Ela gargalha sempre que suas amigas falam algo, mas o sorriso nunca toca seus olhos. Tensa descreveria melhor, quase como se ela se sentisse deslocada, e quando seus olhos verdes brilhantes de repente encontram os meus, quase me sinto estúpido por sua beleza.

Foda-se.

Ela é deslumbrante, com esse ar exótico. Talvez misturado ou hispânico.

Minha porra de fraqueza.

Vestida com muito mais modéstia que suas amigas – num vestido ameixa de manga comprida que mostrava as pernas - não consigo tirar os olhos dela. Quaisquer que fossem os pensamentos que eu tivesse sobre foder Maci no meu carro há apenas dois minutos evaporaram.

Meu foco agora é apenas nela.

E ela está boquiaberta em mim em retorno, levantando todos os cabelos do meu corpo em atenção, meu coração batendo no meu peito. Piscando apressadamente, seus longos cílios se espalham sobre as maçãs do rosto salientes, a boca entreaberta. Um rubor rosado aquece sua pele enquanto meus olhos a bebem da cabeça aos pés. Com meu sorriso diabólico, ela passa a mão por essas ondas soltas de loiro e afasta seu olhar de mim em um instante, sussurrando algo para a mulher ao seu lado com pressa.

Você sabe como é difícil se concentrar depois disso? Vamos apenas dizer que eu não sou o destaque da dança dupla que Rush e eu damos a noiva. Eu podia senti-*la* me observando por toda parte.

A única vez que eu roubei uma espiada confirmou.

Passei um olhar por cima do ombro e lá estava ela, com a taça de vinho aos lábios, observando cada movimento meu de cima da borda.

Olhos devassos e sem remorso.

Me chamando como uma sirene.

Eu queria dançar para *ela,* queria que ela me bebesse com aquele pequeno olhar picante enquanto eu a prendia no sofá e a provocava até que ela implorasse por muito mais...

— Quem é a próxima? — A voz de Rush explode, me puxando do meu torpor.

— Vida! — A noiva grita com entusiasmo enquanto nos afastamos dela. — Vida precisa de um!

O resto das senhoras acenam concordando, e com a intuição me apunhalando no estômago, imediatamente me vejo deixando escapar:

— Quem é Vida?

— Eu. — Minha pequena megera levanta a mão como suspeita.

Eu quase fico sem ar.

É como um grande idiota do caralho. Ronin também sabe disso; o olhar no meu rosto diz tudo. Apesar do fato de que este *é o* meu show, ele não me dá a mínima, ocupando a despedida de solteira e sua festa nupcial enquanto eu me concentro no que definitivamente vai ser o destaque da minha noite.

— Já teve uma dança? — É uma pergunta que faço a todas.

— Nunca, — ela responde ofegante, empurrando a minha cabeça para trás em verdadeira surpresa, porque eu quero dizer, olhe para ela.

Atração, feições felinas, curvas como o inferno. *Ela é fodidamente perfeita.*

Ela teve que dançar um pouquinho antes...

— Não me refiro apenas a um stripper masculino. Em geral, — eu esclareci.

Mas ela balança a cabeça com a mesma resposta pela segunda vez.

Porra maldita.

Isso ficou muito mais interessante.

The Hills[8] desaparece através dos alto-falantes, amplificando a eletricidade que já zumbe entre nós em dez vezes. Ironicamente, é o amplificador exato que preciso para dar a essa garota a dança de sua vida, uma experiência que ela nunca esquecerá.

Experiência com Jag - não é para os fracos de coração.

Pretensioso? Talvez.

Mas o que posso dizer? Sou bom no que faço e sei disso sem dúvida.

Então eu vou trabalhar isso para minha vantagem.

— Sente-se, — eu ordeno gentilmente.

Esse rubor se intensifica, mas ela obedece, afundando no sofá. Um sorriso enrola meus lábios - tão bonito de se ver; a presa submetendo-se ao caçador. Enjaulando suas pernas

[8] Música The Hills de The Weeknd

entre as minhas, eu agarro a parte de trás do sofá e mergulho minha cabeça no nível dos seus olhos, sorrindo enquanto ela engole quando eu me inclino para ela.

— Feche seus olhos. — As palavras acariciam seu pescoço.

Mais uma vez, ela obedece, mas sinto o arrepio que envolve seu corpo e como suas mãos tremem. Levando um joelho para o lado dela, eu rebolo meus quadris para a direita quando a música aumenta, aproximando-me mais e mais até que meus lábios mal tocam os dela.

A respiração instável que ela suspira me desperta como gasolina para uma chama.

— Você pode tocar, Vida, — murmuro, levando sua mão até meu peito. — Apenas mantenha a mão acima do cinto, querida. É para o seu próprio bem.

Olhos cobertos de luxúria encontram os meus, depois caem entre nós, arrebatados por todos os meus movimentos. Mãos pequenas e ávidas passam rapidamente sob minha camiseta, arrastando por meu torso rígido. Cada músculo do meu corpo aperta sob o seu toque descarado. Eu assobio através dos meus dentes, atraindo seu olhar para o meu rosto quando eu alcanço atrás de mim e puxo minha camisa sobre a minha cabeça.

Olhos de todos os lados estão sobre nós, assovios e gritos explodindo sobre a música. Vida morde o lábio inferior em realização, o gesto sedutor conecta diretamente com meu pau.

Em um movimento rápido, eu a pego em meus braços e caio de joelhos onde ela estava sentada, prendendo-a entre as costas do sofá e meu corpo rígido. Coxas grossas me cercam, a bainha de seu vestido subindo em uma quantidade obscena.

Suas coxas. Elas são grossas e tonificadas, mas tão deliciosas e suculentas. E o calor entre as pernas dela, é insanamente palpável, tanto que eu estou praticamente salivando na boca por um gosto. Pressionando-a contra mim, eu continuo com a minha provocação, minhas mãos subindo até a cintura e para as costas. Com olhos fixos nos meus, ela também se mexe em mim com a batida, completamente desinibida, parecendo cem por cento tentadora, é foda demais.

Cativa à minha mercê.

E caralho se eu não queria transar com ela ali mesmo, com ou sem audiência.

Seria tão simples...

Empurrar a calcinha para o lado.

Cavar em seu calor.

Marcá-la com meu pau.

Jesus Cristo.

Eu me sinto como um animal enlouquecido. Preciso dela mais perto. Preciso senti-la em mim, debaixo de mim. Quero aqueles lábios carnudos cedendo por baixo dos meus. Eu não entendo o que diabos está acontecendo agora - exceto a névoa cega e feroz de luxúria que nubla o meu raciocínio - mas caralho, que tudo vá para o inferno.

Eu estou sendo selvagem com isso; dane-se as perguntas.

Enfiando a mão em seu cabelo, eu bato minha boca na dela quase brutalmente, borbulhando um gemido satisfeito de dentro dela.

Um beijo.

Outro.

E outro.

Línguas explorando, dentes mordiscando. Seu gosto é instantaneamente viciante, mais doce que o mel, com um toque inebriante de vinho branco. Eu sou mais alto do que uma pipa, bêbado em cada centímetro dessa deliciosa mulher.

E eu quero mais

Muito mais porra.

Capítulo 5



EM ALGUM LUGAR NO meio do meu espetáculo, Betty consegue me tirar de Vida e me arrastar até o escritório pelo ouvido - como um garoto errante prestes a levar uma bronca. Eu suspeito que se ela pudesse teria me batido com o cinto em minha bunda como minha mãe costumava fazer, ela teria sem dúvida. Você vê, Betty não se importa muito conosco nos beijando ou beijando os clientes.

Na verdade, ela preferia não nos fazer nada.

Outra das suas regras de ouro.

Mas Vida era deliciosa demais para eu ultrapassar as malditas regras. Eu tive que saboreá-la.

Independentemente da minha nova chefe me rasgar, o dia todo, todos os dias para a próxima semana, Vida é tudo que posso pensar.

Os olhos dela.

Os lábios dela.

Seu corpo girando no meu colo.

Ela porra inteira.

Não consigo tirar a mulher da cabeça, tê-la enraizada em todos os pensamentos até o ponto em que considero o fato de que posso muito bem estar possuído.

E nós não fomos mais longe do que aquele beijo.

Você pode imaginar como seria se eu tivesse realmente enterrado meu pau dentro dela?

Caralho.

Não é a coisa mais inteligente de se estar pensando enquanto estou rolando meus quadris contra o palco, tudo menos senti-la embaixo de mim. Os gritos que ressoam do público só me fazem ir mais forte, um conceito que meu pau não aprecia nem um pouco quando a coisa mais próxima ao alcance é o chão cintilante. A porra do filho da puta no momento em que — *Sex Therapy*[9]— desaparece e as luzes azuis marcantes se apagam.

Uma vez que o palco é banhado na escuridão, eu me apresso para trás da cortina, espalhando a ereção induzida pelo pensamento em Vida, que eu me peguei pensando pela terceira vez hoje à noite. Eu nem me incomodo de voltar para o vestiário para uma pausa. Eu preciso de uma maldita bebida, algo forte para me distrair de todo essa coisa ridícula.

Várias mesas me chamam, mas eu continuo em um ritmo constante, exibindo sorrisos e uma piscadela ao longo do caminho para satisfazê-las no momento. Elas podem esperar. Se há alguma esperança de eu realmente chegar até elas e fazer o meu trabalho, eu preciso da minha cabeça focada.

Ou pelo menos focada o suficiente para que Vida não seja meu pensamento enquanto outra mulher enche as contas sob o cós do meu jeans.

Mas quando eu me aproximo do bar, literalmente dou uma parada na visão a menos de seis metros de mim.

Vida.

É fodidamente Vida.

---

[9] Música Sex Therapy de Robin Thicke

Eu esfrego meus olhos, pisco uma dúzia de vezes. Estou convencido de que tudo é uma invenção da minha imaginação, mas a imagem não muda.

É realmente ela, e ela parece tão deliciosa quanto eu me lembro - neste top preto de tiras e saia de couro na altura do joelho que só mostra o suficiente para fazer minha cabeça girar. Não me faça começar com aqueles saltos altos. Eu posso muito bem imaginá-los cravando nas minhas costas enquanto eu a fodo direto pela próxima semana.

Estou descaradamente cobiçando-a - mais como babar se estou sendo honesto - e quando essas íris verdes tocam as minhas, eu juro que sinto a corrente queimar através de mim, até as pontas dos dedos dos pés.

Sugando uma respiração profunda, ela se vira de uma vez, me deixando com uma visão de dar água na boca. Seu cabelo em ondas de loiro até a cintura fina, acentuando a sua bunda. Uma bunda que eu quero em minhas mãos quando ela gozar no meu pau.

Sua cabeça jogada para trás.

Suor escorrendo pelo corpo dela...

Merda.

Eu não posso chegar a ela rápido o suficiente. Meu peito toca suas costas, as mãos caem instintivamente em seus quadris enquanto meus lábios encontram o caminho até a concha de sua orelha.

— De volta para outra dança, eu vejo?

Vida se arrepia, seus dedos apertando a borda do bar. Ela abre a boca para falar, mas nada sai, exceto por esse pequeno suspiro estridente.

Ainda é mais alto quando traço a curva do pescoço dela com a ponta do nariz.

— Responda-me, — eu pressiono, girando-a para me encarar.

— Não. — Ela balança a cabeça rapidamente.

— Não, você não vai responder à pergunta ou nãoéa resposta para a pergunta?

— Não é a resposta para a pergunta, — ela respira.

Mentira.

— De alguma forma, acho isso difícil de acreditar, querida. — Eu sorrio, meus lábios pairam sobre os dela enquanto eu prendo seu corpo em minhas mãos.

— Monroe! Traga sua bunda de volta para a pista de dança! — Isso é Betty latindo sobre a música. — Eu não estou pagando você para encontrar sua conquista tarde da noite.

Erguendo o dedo, eu mantenho meus olhos em Vida, o sorriso nos meus lábios se arregalando em satisfação em suas bochechas se avermelhando ainda mais.

A minha confirmação.

— Como eu disse, acho difícil de acreditar, mas não vou fazer você assumir isso... *ainda*. Venha me encontrar quando estiver pronta, baby.

E com isso, deixo-a no bar, sem palavras, boquiaberta. Não *quero* me afastar dela - quase não posso, - mas Betty está me observando como um falcão. Sabendo que Vida está aqui, no entanto, claramente para me ver, garante que eu definitivamente vou estar muito mais distraído do que quando a noite começou.

CALVIN ESTÁ no palco trabalhando sua rotina de policial quente enquanto Rush e Paulie fazem uma festa de

aniversário de 21 anos, deixando-me vagar pelo salão de mesa em mesa. Não sei ao certo quanto tempo se passou desde a saída de Vida do bar, mas, em algum momento durante uma dança muito divertida, sinto uma batidinha no meu ombro. Olhando de volta para a fonte, uma Vida muito corada me espera, oferecendo nada mais do que um sorriso tímido e me deixa muito tonto.

— Eu estou pronta, — ela brinca, sem uma única consideração para a mulher que eu estou montando.

Essa garota...

Dou-lhe deliberadamente um aceno e sacudo a cabeça, tentando esconder um sorriso satisfeito.

— Vá checar se o quarto VIP está vago. Eu estarei lá.

Mais uma vez, o sorriso dela é a única resposta que ela oferece quando se vira e desaparece no clube.

Meus olhos estão colados na bunda dela todo o caminho.

Toda visão que me consumiu durante a última semana vem inundando de volta com uma vingança. Eu mal posso esperar para colocar minhas mãos nela, planejo quebrar cada uma das regras de Betty, mesmo que isso me custe esse maldito trabalho.

Eu a quero e vou fodê-la.

Mesmo que seja por quinze minutos.

Assim que uma música desaparece na próxima, eu termino com a garota que eu estava fazendo uma dança e corro para o VIP mais rápido do que nos três anos em que trabalho aqui. Vida já está lá esperando por mim ao lado do segurança. Ele balança a cabeça e fica de lado para nos deixar passar, nenhuma pergunta foi feita.

— Então você vai admitir que você voltou para outra dança. — Eu falo em voz alta enquanto nos levo para baixo do pequeno corredor e empurro para abrir a porta.

Vida sacode a cabeça, segurando o queixo orgulhosamente.

— Não, mas agora que estou aqui e tomei algumas bebidas, percebi porque não?

A indecência em seu tom me coloca em ação antes que eu possa pensar no meu próximo passo. Estou nela mais rápido do que qualquer um de nós esperava, pressionando o rosto dela contra a porta agora fechada.

— Você sabe que eu não estou comprando isso. Diga-me porque estamos aqui?

— Eu não sei. — Ela encolhe os ombros, ofegando quando eu passo minhas mãos pelas suas curvas.

— Não minta para si mesma, Vida. Você sabe exatamente porque você está aqui. Conte-me.

— Eu quero mais…

— Mais do quê? — Eu pressiono.

— De você, — sua voz treme um pouco, — no último fim de semana me deixou…

— Louca?

Ela balança a cabeça e um rosnado feroz me escapa.

Meus dedos encontram o zíper de sua saia, guiando o tecido apertado por suas pernas até que ela não esteja mais confinada. Calcinha negra amarradas com um pequeno laço aguardam meus olhos gananciosos e eu quase a perdi, girando-a com uma rapidez para pegá-la e empurrá-la de volta para a porta.

— Eu tenho um gostinho de você. Um, e eu afundei meus dentes em seu pescoço, e isso me deixou morrendo de fome. O que diabos você fez comigo?

— Tudo o que você fez para mim, — ela geme, jogando a cabeça para o lado, concedendo-me melhor acesso a essa inclinação delicada.

Meus lábios estão lá em um nano segundo, estampando beijos molhados e desleixados com beliscões de meus dentes no meio. Outro giro e eu estou andando para o sofá.

Deixando-me cair na almofada de pelúcia com ela no meu colo.

Eu invado sua boca como um homem faminto, uma mão no cabelo dela, a outra segurando sua bunda. Ela combina comigo por seu próprio ataque, beijos febris que fazem meu pau ansiosamente se contorcer sob meus jeans.

— Eu não costumo fazer nada assim, — ela murmura de repente, me levando a me afastar e olhar em seus olhos.

O que eu vejo lá é inteiramente sério e, sinceramente, não me surpreende nem um pouco. Acho que sei o tempo todo porque, por mais linda que seja, Vida não me parece o tipo de mulher que sai em busca de uma noite, muitas vezes, ou nunca.

O que é isso então?

— Então por que estamos aqui? — Eu pergunto a ela novamente, tentando e miseravelmente fracassando em não arrastar minhas mãos sobre o corpo dela.

— Eu te disse, porque eu preciso de mais. Eu preciso ter *você,* mesmo que seja só uma vez...

— Vida, eu...

— Não. — Ela coloca um dedo nos meus lábios. — Eu sei que é insano, mas Deus, eu não consigo parar de pensar em você, sobre as coisas que você poderia fazer comigo. Sobre

como você se sentiria dentro de mim. Aquele beijo despertou uma coisa em mim e eu apenas... Por favor, Jag, só um pouquinho, do seu gosto.

Como que diabos eu devo dizer não a isso? Aquele beijo estava fora deste mundo, explosivo, provavelmente a melhor dança que já dei até hoje, também...

— Você está falando sério? — Até eu posso ouvir o tom ansioso da minha voz.

— Muito, — ela diz com convicção, e isso é literalmente tudo que eu preciso antes de eu estar cavando no meu bolso por um preservativo.

Não vou mais fazer perguntas desnecessárias, nem preciso que ela explique por quê.

Ela quer foder? Estou aqui para isso, estava aqui desde a semana passada.

Pescando o pacote entre dois dedos, eu passo para ela e abro o botão no meu jeans.

Aqueles olhos esmeraldas são igualmente desejosos, observando atentamente enquanto eu puxo o zíper e me liberto. Eles se alargam, ardendo descontroladamente com luxúria.

Um sorriso cínico em meus lábios.

Eu me bombeio devagar, deixando cair seu queixo um pouco mais a cada momento até que ela está se atrapalhando para rolar o látex em mim.

— Tire isso para mim, — eu exijo, deslizando um dedo sob sua calcinha.

Mas ela balança a cabeça.

Fechando os olhos em algum estado doloroso e feliz antes de puxar o material fino para o lado, revelando a boceta mais bonita que eu já vi na minha vida. Lisa com sua

excitação, eu tenho que me segurar para não a jogar no sofá e enterrar meu rosto entre suas pernas.

— Não seja uma provocação, — eu rosno, passando a cabeça do meu pau através de seus lábios. — Tire-as.

— Mas e se alguém entrar aqui?

Apertando o cabelo dela na minha mão, eu a puxo para perto e pressiono meus lábios contra seu ouvido.

— A porta está trancada, Vida. Ninguém vai entrar aqui. Pare de pensar demais e apenas pegue meu pau já. Eu prometo que vou te foder tão bem que você nunca vai se arrepender.

Ela olha entre nós direto no meu pau latejante, o lábio preso entre os dentes e, em seguida, em um piscar de olhos, ela está descendo sobre meu pau com requintada lentidão. Eu gemo faminto, saboreando a sensação de sua vagina me envolvendo; quão apertada ela é, como ela é quente, como sua cabeça recua com cada centímetro que ela tira.

Como ela geme para mim.

Mesmo com o preservativo no lugar, ela se sente incrível, minhas mãos segurando seus quadris para sentá-la em mim em sua totalidade. Vida engasga quando eu a preencho até o talo, suspirando algo inteligível sobre os sons de - Inesquecível.

Fodido.

Essa mulher *é* inesquecível, tudo bem.

— Você se sente bem, Vida? — Eu grito, lambendo uma trilha até o pescoço. — Tão bom, baby.

— *Mhmmm.* — Ela balança a cabeça, trabalhando meu pau como se fosse dela. — *Muito bom.*

Estou prestes a dizer a ela que tenho toda a intenção de levá-la para casa comigo depois que meu turno terminar,

quando uma batida abrupta na porta a mantém acima de mim.

— Ei, Jag, você esteve aí para sempre, mano! Traga sua bunda em movimento antes que Betty perceba, — diz a voz exasperada de Rush.

Vida me dá um olhar cansado e frustrado, que eu rapidamente destruo com um beijo desesperado.

Fodida Betty e suas regras de merda.

— Eu vou precisar do seu número, — murmuro contra seus lábios, empurrando nela, — porque isso aqui está longe de acabar.

Capítulo 6



EU ESTOU no meio de uma dança quando uma pequena mão envolve meu braço e me tira do meu cliente. No começo, eu suponho que seja outra mulher impaciente esperando prender minha atenção, mas depois percebo que é Vida. Um olhar determinado fica gravado em seu rosto. Mesmo depois do que aconteceu no último final de semana, estou chocado de ver ela. Ela sorri conscientemente e depois partimos...

— Onde estamos indo? — Eu pergunto, mas ela não responde e, na verdade, eu já sei, dado o fato de que ela está me puxando em direção a sala VIP.

Com certeza, quando nos aproximamos da abertura do corredor, o segurança se afasta e nos permite passar sem perguntas.

Empurrando através da porta, ela me puxa para dentro, seu peito subindo e descendo quase descontroladamente enquanto ela segura a fechadura no lugar.

— Está maluca? Eu estava com uma cliente, — eu digo, um tanto exasperado, mas no segundo em que ela empurra as correias do vestido, fico sem fala, engolindo uma onda intensa de desejo.

— Strip, Jag, — ela ordena, avançando em minha direção com passos confiantes, seus quadris balançando de um lado para o outro.

Uma trilha de roupas segue em seu caminho.

Em meu estado de surpresa, eu consigo arrancar apenas a minha camisa antes que ela me empurre no sofá e fique no meu colo. Eu levo um momento para beber ela e quando meu olhar desliza até seu olhar travesso, sua boca bate na minha com força. Com as duas mãos enfiadas no cabelo dela, eu a beijo com igual ferocidade, nossas línguas batendo uma contra a outra, dentes beliscando no meio também.

— O que você está fazendo comigo? — Minha pergunta é quase inaudível acima da música. — O que você está fazendo para caralho comigo?

— Dando-lhe mais do que ambos queremos, — diz ela, alcançando entre nós para abrir o botão no meu jeans...

Três semanas.

Quase três semanas se passaram desde aquela segunda noite em VIP e eu não vi Vida desde então. Estou perdendo minha maldita mente, mesmo com os textos frequentes que trocamos diariamente.

Mas eu vou aceitar tudo isso.

Além disso, não é culpa dela. Ela está lidando com um ex-marido arrependido que não aceita que ele está um pouco atrasado demais.

Sim, você leu certo - um ex-marido.

Acontece que eu não sou o único com bagagem...

Enquanto eu sofro de drama com a mãe da minha filha, Vida tem um ex-marido que, aparentemente, só agora está vendo o erro de seus caminhos, um ano após o divórcio ter sido finalizado.

— Ele está sozinho naquele palácio, — foi o que ela me disse quando expusemos nossa roupa suja.

Um palácio que parecia mais uma prisão do que uma casa enquanto eles estavam juntos. Só isso já era uma das

razões pelas quais ela estava solteira desde então, concentrando-se exclusivamente no trabalho que ele a impediu de ter por tanto tempo. Embora ele tivesse permitido que ela terminasse sua educação, quando chegasse a hora de colocar sua graduação em prática, o homem queria uma esposa-troféu. Vida lidou com isso para mantê-lo feliz, passando horas e horas em uma luxuosa mansão sem nada para fazer além de ficar bonita para ele.

Mas depois de algum tempo, e com a ajuda de suas amigas, ela percebeu que não estava verdadeiramente feliz.

Que ela não o amava mais.

E ela foi rápida em agir sobre isso, pedindo o divórcio uma manhã antes de sair para o trabalho.

Trezentos e setenta e poucos dias depois, e aqui está ele, persistente em seus esforços para ganhar Vida de volta.

Eu não estou tendo essa merda.

Sua perda é meu ganho filho da puta idiota.

Não tome de volta.

O que nos traz agora...

Eu: *Eu preciso que você faça algo por mim.*

Esse é o texto que acabei de enviar para Vida antes de sair do meu Lexus para as portas da frente da Palo Green High School. Ela não tem idéia de que eu estou aqui, e enquanto eu não sei como ela vai se sentir sobre isso, eu realmente não me importo.

Eu preciso ver ela.

Essa não é apenas a minha maneira de lembrá-la de que ela está melhor sem Rick, ou Carl, ou qualquer que seja o nome dele, mas também é o retorno da nossa última noite juntos. Sua resposta vem enquanto eu ando pelos corredores em busca de seu escritório.

Vida: *Eu não estou enviando nudes. ;p*

Eu: *rs.... Não nudes, porém, você pode enviá-los mais tarde. ☺ Algo mais...*

Vida: *Como o que...?*

Como você precisasse se preparar...

O sinal do - Escritório de Orientação - aparece a poucos metros à frente, e não posso deixar de rir enquanto digito minha resposta.

Eu: *Solte o que você estiver fazendo e sente sua bunda na sua mesa.*

Vida: *O quê? Por quê?*

Eu: *Espere por isso...*

Vida: *Espere pelo que...*

Segundos depois, estou passando pela porta do escritório de Vida, a fazendo levantar com um suspiro assustado.

— Jag... o que você está fazendo aqui? Quem deixou você...

— Elas fecham? — Eu corto, agarrando o cabo para fechar as persianas.

— O quê? — Ela parece adoravelmente confusa, desenhando um sorriso malicioso no meu rosto.

Eu agito as cordas em questão.

— Eles. Fecham?

Vida acena com a cabeça.

— Sim, eu geralmente os fecho para reuniões e conferências.

Ótimo.

Um movimento do meu pulso e estamos protegidos do mundo, concedendo-me a privacidade necessária para tornar o meu plano improvisado uma realidade. Olhos verdes saltam de suas órbitas quando ela percebe quais são minhas intenções.

— Jag, não podemos fazer a-aqui, — ela gagueja, assim que eu estou trancando a porta e avançando em direção a ela com passos determinados.

— Caralho que nós não podemos. É depois do horário, os corredores estão vazios.

— M-mas, meu chefe é mais que provável que esteja ainda em seu escritório.

— Palavra-chave, baby, *seu* escritório. Calcinha, fora. Agora, — eu rosno, enjaulando-a com nenhum lugar para ir.

Suas pernas abrem instintivamente, acomodando meu corpo maior. Aquele cheiro doce e exuberante dela bate em mim com uma rapidez incrível.

Eu respiro ela.

Deixe meus lábios no pescoço dela.

Belisquei e chupei o caminho ao longo da sua coluna em conjunto com meus dedos juntando o material macio de sua saia lápis. Ela geme ao meu aperto e aperta a frente do meu braço, balançando a cabeça em outra tentativa fraca para afastar-me.

— Está acontecendo, Vida, — eu ri contra sua pele, afundando meus dentes naquela delicada curva pulsando descontroladamente sob minha carícia. — Você invadiu meu serviço na outra noite, então agora, eu estou retornando o favor.

— Eu te arrastei para sala VIP. É para isso que a sala está lá, — ela argumenta, respirando superficial e irregular.

— Errado. *Aquele era o meu* escritório, e eu também não devo enterrar o meu pau enquanto estiver lá. Se qualquer coisa, eles vão esperar que eu saia com uma furiosa ereção.

Mais uma vez, ela balança a cabeça.

— Nós não podemos fazer isso aqui.

— Oh, mas nós podemos *e nós vamos*. Você pode pensar que terminou o que começou, mas na verdade, tudo o que fez foi me deixar com essa necessidade insaciável e assassina... *por você*. Agora me diga, por que diabos eles ainda estão em você? — Eu luto, puxando a renda da calcinha. — Tire. Elas. Fora.

Empurrando-as para o lado, meus dedos encontram os lábios de sua boceta em persuasão. Eles são escorregadios, como sua calcinha, e o filho da puta da minha calça se contrai, implorando para ser libertado.

Para ser enterrado naquele calor sedoso.

Um dedo, outro. Eu deslizo os dois para dentro, curvando ritmicamente contra seu ponto doce, olhando extasiado como seu rosto se contorce de prazer.

— Jag... Oh, Deus, — ela geme, cabeça recuando. — Foda...

— Não me diga que não podemos fazer isso aqui novamente. Já estamos. Apenas aceite e deixe-me fazer você se sentir bem.

— Você está me matando...

— Da mesma forma, porra, da mesma forma. Como se sente, baby? O retorno é uma merda, não é? — Eu falo, a fodendo com o dedo sem reserva.

Vida balança a cabeça sem pensar, segurando a borda de sua mesa.

— Sinto muito, desculpe-me! Eu não vou fazer isso de novo!

— Você está certa que não vai, porque da próxima vez que eu te foder, vamos estar na minha cama, não no maldito clube. Você me entendeu?

Outro aceno em seu estado sem fôlego, o corpo preso em minhas mãos. Ela está apenas a segundos de gozar.

Literalmente segundos...

Suas paredes pressionam meus dedos...

Seus sucos cobrindo meus dedos...

E é quando eu me retiro, deixando-a cair de volta à realidade. Ela choraminga com a perda, olhando para mim incrédula, quase como se eu a tivesse traído.

Eu odeio e amo isso.

Especialmente quando seus olhos se arregalam ainda mais quando levo meus dedos aos lábios e absorvo cada gosto dela.

— Você é um...

— Eu estou de folga nesse fim de semana, — eu a interrompi, abrindo caminho entre suas pernas. — Deixe-me passar mais de quinze minutos com você. Nós podemos fazer o que você quiser - café, jantar, um filme. Qualquer coisa.

Vida fica parada por um momento, com a cabeça ainda girando de uma forma abrupta, mas eventualmente eu vejo aquele pequeno sorriso nos lábios dela.

— Eu realmente gostaria disso. Que tal sexta-feira à noite? Jantar? Talvez um filme depois?

O que você quiser baby. O que quer que você goste.

Capítulo 7



— ENTÃO, como é estar no ensino médio depois de uma década? — Eu pergunto a Vida mais tarde naquela noite.

Cerca de trinta minutos depois de eu sair do escritório, ela me pediu para encontrá-la no Johnny Rockets[10]. Acho que ela não ia conseguir esperar até sexta-feira depois de irritá-la.

— Para a maior parte? Estranhamente o mesmo, apenas com autoridade concedida. Não que todos eles se importem— ela ri, balançando a cabeça.

— Você quer dizer, todos eles não entram na fila depois de um olhar firme desse rosto de bebê?

Vida joga uma batata frita em mim.

— Cale-se!

— É um elogio, baby - aceite. Você não parece ter mais de vinte e um anos.

— E esse é o problema, preciso que eles me levem a sério, especialmente os mais velhos. Claro, eles confiam em mim porque 'eu sou legal o suficiente para entendê-los', mas os avisos entram por um ouvido e saem pelo outro.

— Então, não seja tão legal, — eu digo, dando uma mordida no meu hambúrguer meio comido.

— Eu não faço isso de propósito! A maioria deles sabe que eu sou apenas dez anos mais velha, o que evidentemente,

[10] Lanchonete

me torna legal sem esforço. — Ela revira os olhos, os lábios apertados nos dentes.

Estou prestes a responder quando meu celular vibra na mesa. Tanto Vida quanto eu cortamos nossos olhos para a tela.

Calla:*Eu preciso de um grande favor...*

Maravilhoso.

Eu suspiro. Apenas a visão de seu nome imediatamente muda meu humor, mas, a julgar a visualização do texto, não parece estar relacionado a Mila.

Portanto, ela pode esperar.

— Responda-a, — Vida encoraja, oferecendo um encolher de ombros para minha testa curiosa. — Pode ser importante.

— Eu duvido. Provavelmente precisa de um empréstimo ou algo assim. Ela pode esperar. Eu a aceno, mas a pequena mão dela cai no meu pulso, olhos esmeraldas me procurando.

— Responda-a. Está tudo bem. — Ela sorri.

Resignado, limpo minhas mãos e digito uma resposta rápida. Eu me recuso a perder meu tempo com Vida dando atenção a Calla.

Eu: *O que seria?*

Três pequenas bolhas aparecem instantaneamente na minha tela. Eles desaparecem rapidamente e reaparecem novamente. Sua resposta vem logo após.

Calla: *A sogra de Chrissy acabou de ser diagnosticada com câncer de mama em estágio três e ela está se recusando a qualquer tipo de tratamento. É agressivo. Eles estão dando a ela meses. Brett vai embora hoje à noite, mas Chrissy não pode tirar uma folga, então ela está indo para lá sexta-feira depois do trabalho. Eu gostaria de ir com ela, mas é muito*

longe para Mila e uma situação desagradável que eu não a quero por perto. Eu queria saber se ela poderia passar o fim de semana com você quando eu estiver fora?

Eu sinto meu queixo cair enquanto leio e releio a última parte de sua mensagem. A sogra de sua irmã recebendo um diagnóstico tão horrível é terrível, mas não consigo superar o que estou vendo no final.

Isso está acontecendo realmente?

— Está tudo bem? — Vida pergunta em frente a mim, claramente alarmada com minha expressão atordoada.

— Ela... — Eu olho para ela. — Ela perguntou se Mila poderia passar o fim de semana comigo.

Olhos verdes se arregalam. Ela sabe um pouco sobre Calla e nossa situação, daí a reação dela. Concordo com a cabeça, meus polegares se movendo sobre o teclado do seu acordo.

Eu: *Você está realmente me perguntando?*

Calla: *Quero dizer, você é o pai dela... eu perguntaria à minha mãe, mas ela está de férias com seu namorado.*

Eu: *Não, você realmente acha que precisa me perguntar? Eu tenho tentado fazer você me deixar ficar com ela um fim de semana inteiro desde que ela nasceu. Claro que ela pode ficar comigo.*

Eu: *Sinto muito ouvir sobre a sogra da Chrissy, a propósito. Ela é uma mulher doce. Tão triste.*

— A sogra de sua irmã acabou de ser diagnosticada com câncer de mama, estágio três, e ela está recusando tratamento, — começo a explicar para Vida, cuja mão vai a boca. — Calla quer ir com ela para visitar a mulher no fim de semana, mas é uma longa viagem e ela realmente não quer que Mila vá, dadas as circunstâncias.

— Isso é de partir o coração.

— É mesmo. Eu a conheci, ela é muito gentil.

— É errado que eu esteja feliz que você vá ficar com Mila? — Ela murmura, uma onda de culpa emanando dela.

— Não. — Eu sacudo minha cabeça. — Porque eu estou aqui pensando nisso

A resposta de Calla deixa as palavras penduradas na ponta da minha língua. Eu levanto um dedo e Vida acena com a cabeça, tomando um longo gole de seu milk-shake de chocolate.

Calla: *Obrigada, obrigada, obrigada! Chrissy realmente não queria fazer a viagem sozinha e eu não tinha certeza se seria capaz de ir. Você está salvando o dia agora mesmo!*

Calla: *E sim, é devastador. Ela é jovem demais para morrer.*

Eu: *Nossa história é escrita muito antes de nascermos. Alguns de nós temos nossas histórias mais curtas do que outros, infelizmente.*

Eu: *E obrigada por finalmente estar por perto. Eu sei que é porque sua mãe não está na cidade, mas ainda assim. Você não tem idéia do que isso significa para mim.*

Uma vez que a mensagem – entregue - aparece abaixo da minha última mensagem, eu bloqueio o telefone e coloco de volta na mesa, balançando a cabeça em descrença.

— Eu sinceramente não posso acreditar nisso, — murmuro, afastando meu prato.

— Pelo que você me disse, estou chocada por você também, mas de um jeito bom, — responde Vida.

— Nunca pensei que veria esse dia. É uma situação infeliz, mas, bem, você sabe.

Vida acena com a cabeça e empurra o prato para longe.

— Pode ser a hora errada de perguntar isso, mas você vai me contar o que aconteceu com vocês dois?

— Eu posso, mas é uma longa história.

A garçonete aparece, perguntando se ela pode limpar a mesa. Eu inclino minha cabeça com um pequeno sorriso e volto um olhar para uma Vida.

Ela se inclina para trás no couro vermelho do estande.

— Apenas me conte.

Não é exatamente uma história que eu quero redizer agora, mas não é como se eu tivesse algo a esconder. Eu ainda não me arrependo da minha decisão...

— Calla e eu nos conhecemos no ensino médio. Nós éramos amigos o tempo todo, não começamos a namorar até o baile de formatura. Depois que nós nos formamos, as coisas ficaram sérias e, depois de alguns anos, estávamos esperando Mila. Tudo foi ótimo, até que começamos a procurar por lugares e percebemos que não podíamos pagar com o meu pequeno salário na oficina mecânica. Calla não estava trabalhando porque ia para a escola em tempo integral e morava em casa com os pais. E o lugar em que eu morava? Um buraco. Não tinha jeito de colocarmos um bebê lá dentro.

— Então, por que não morar com os pais dela por um tempo? — Vida pergunta.

— Porque eles não permitiriam isto. Eles não tiveram um problema com o nosso relacionamento ou com a gravidez inesperada. Eles simplesmente não queriam que nós fossemos morar com eles.

Vida me olha duvidosamente, como se fosse a coisa mais estúpida que ela já ouviu, e o que eu apenas posso fazer é concordar.

Porque é.

Os pais de Calla se recusarem a nos ajudar foi o catalisador do nosso rompimento.

— Eu lidei com isso. Continuei procurando emprego. Então um dia, — eu zombei, lembrando como se fosse ontem. — Um dia eu estava em uma cafeteria antes de ir para a loja quando vi um panfleto para SIX. Eles estavam recrutando novos dançarinos. Eu ri no início, mas quanto mais tempo o pôster azul brilhante me encarava enquanto eu esperava pelo meu pedido, mais eu pensava em checá-lo. Quero dizer, você sabe quanto dinheiro os strippers fazem?

— Quantidades insanas, eu sei, — fala Vida, apontando para eu continuar.

— Eu fui, verifiquei. Betty, a proprietária, basicamente me entrevistou no local. O salário inicial era mais do que eu poderia imaginar. Tudo o que eu podia ver eram cifrões, um futuro seguro. Mesmo que eu não fizesse isso para sempre, eu ainda poderia guardar o suficiente para garantir que nunca faltasse nada. Eu fui trabalhar, estava cambaleando o dia inteiro, ansioso para chegar em casa e dizer a Calla que poderíamos finalmente procurar um lugar...

— Mas ela não aceitou?

— Nem um pouco. Quer dizer, eu entendi. Ela estava grávida de cinco meses. O namorado dela estava falando sobre se tornar um stripper, mas não é como se eu tivesse qualquer intenção de traí-la. Eu só queria o dinheiro. Queria sustentar nossa família com tudo do bom e do melhor. Ela não ouviu ou quis falar sobre isso e deu-me um ultimato. Eu imaginei que ela iria entender, que quando ela visse a vida que poderíamos ter, a vida que poderíamos dar ao nosso bebê, minha escolha de carreira não importaria. Então tomei a decisão e aceitei o trabalho. Ela me deixou minha primeira noite.

Vida suspira e aperta os lábios.

— Como mulher, eu a entendo. Eu realmente entendo. É esse senso de propriedade, aquele medo subjacente de que outra mulher possa pegar seu homem o suficiente para realmente seduzi-lo. — Inclinando-se para frente, ela coloca nossos dedos juntos, olhos verdes sinceros. — Mas eu também entendo você, Jag. Suas intenções não eram maliciosas, um pouco fora de lugar, talvez, mas ela claramente não confiava em você. Não confiava nem acreditava em seu relacionamento o suficiente, o que é triste e lamentável quando você nunca lhe dava uma razão para se sentir assim.

— Posso pedir alguma sobremesa ou você quer a conta? — A garçonete pergunta de repente, pondo um fim a essa merda.

Obrigado.

Vida sacode a cabeça quando me volto para ela em questão.

— Eu não vou querer a sobremesa. Acho que vou explodir se comer qualquer outra coisa.

Eu rio e olho para a garçonete.

— A conta está bem, obrigado.

Sorrindo, ela coloca a conta na mesa e se vira rapidamente para ir ver o outro estande.

— Que tal marcar o filme para sexta à noite? — Pergunta Vida enquanto eu estou tirando minha carteira do meu bolso de trás. — Está ficando tarde e ainda tenho algumas coisas que preciso fazer antes de dormir.

— Eu vou ter Mila, mas ela vai para a cama por volta das oito. As nove dá para você?

— Merda, eu esqueci disso...

— Eu não me importo. — Nossos olhares travam. — Na verdade, prefiro um filme na minha casa do que no cinema. — Eu sacudo minhas sobrancelhas de brincadeira.

Vida zomba revira os olhos, pegando a bolsa ao lado dela.

— Contanto que você não se importe que eu esteja lá quando ela estiver lá, então tudo bem, marcado.

Capítulo 8



Vida: *Não me odeie...*

Eu: *Por que eu odiaria você?*

Vida: Porque nós vamos ter que reprogramar. Três dos meus alunos foram apanhados fumando pelo campo de futebol. Tenho de me encontrar com os pais depois da escola e não sei a que horas chegarei em casa. ☹

Eu: *Droga, isso é uma merda. Mas não se estresse, linda. Entendi.*

Vida: *Me desculpe...*

Eu: *Não tem problema. E tudo de bom.* ☺

SUSPIRANDO, jogo meu telefone sobre a mesa de café e me jogo de volta no sofá depois de ler nossos textos de mais cedo pela milionésima vez. Eu entendo que ela tem trabalho para fazer? Absolutamente. Não significa que não seja uma droga, especialmente quando eu estou sentindo falta dela desde que nos vimos na quarta-feira.

Sem mencionar que não posso abalar a sensação de que há algo mais nisso. Ela não me mandou mensagem desde então.

— Papai, eu terminei! — Mila chama do banheiro.

Eu sorrio. Pelo menos eu ainda tenho minha melhor garota comigo.

Levantando do sofá, atravesso o apartamento, parando na porta do banheiro. Há bolhas por toda parte, incluindo o topo de sua cabecinha loira.

— Esfregou bem, menina? — Eu pergunto, cruzando meus braços em diversão.

— Sim. Estou super brilhante! — Ela sorri exageradamente, olhos azuis brilhando de orgulho.

— Bem, vamos lá, vamos secar você então. Sua mamãe mandou vários pijamas. Qual você quer vestir?

— Hmmm... — Ela pensa enquanto eu a seco. — Ela colocou os da Patrulha Canina?

— Eu acredito que sim. Aqueles que você quer?

— Este filhote tem que voar! — Ela exclama, citando um dos personagens com um pequeno latido estridente no gancho, a cabeça balançando rapidamente de acordo.

Eu não posso deixar de rir. Esta menina tem o poder de iluminar todo o meu mundo. Radiante de adoração, levo Mila empacotada para o quarto dela e pego o pijama que ela pediu - sim, você adivinhou – a mochila da *Patrulha Canina*. Ela se veste muito mais rápido do que eu esperava, então se afunda no chão, cruzando as pernas abaixo dela para que eu possa desembaraçar seu cabelo. Levou muito tempo, as pontas embaraçadas e loiras caem até a cintura dela. Leva-me o dobro do tempo para desembaraçar. É um processo, mas ela se senta pacientemente, falando sobre tudo o que aprendeu na escola essa semana.

— Acabamos. — Eu corro o pente por uma última vez. — Vai escovar os dentes.

Mila corre pelo corredor enquanto eu abro os lençóis que ela nunca usou antes. Ainda não estou acreditando, ela vai ficar todo o final de semana. Metade de mim quer acreditar que isso pode ser o começo de um novo capítulo para Calla e

eu, um em que somos realmente mais amigáveis do que inimigos, mas a outra metade de mim se acostumou tanto com a pessoa que é agora, que eu não quero ter minhas esperanças.

Ainda assim, prefiro ter esperanças, não importa o quão sombrio é o futuro.

— Você pode ler uma história para eu dormir, papai? Por favor? — Mila pergunta enquanto ela volta para o quarto.

Eu aceno e me deito na pequena cama delicada dela.

— Claro, menina. Escolha uma boa.

Batendo palmas animada, ela me lança outro sorriso extravagante que parece muito com o meu próprio antes de correr para a estante de livros no canto. Eu a vejo fascinada enquanto ela tira os títulos, arrastando um dedo pequeno ao longo das lombadas. Algumas ela puxa para observar a capa, outras ela pula completamente. Alguns minutos depois, ela corre de volta com — Love You Forever[11]— e rasteja para a cama ao meu lado.

Nem mesmo na metade da história reconfortante ela já está dormindo, longos cílios descansando novamente em suas bochechas. Ela parece um anjinho, lábios curvados em um adorável beicinho, os braços enrolados ao redor do unicórnio de pelúcia. São momentos como estes onde ela é a cara da mãe. Realmente, ela é uma mistura perfeita de nós dois, mas às vezes um lado mostra mais do que o outro.

Alisando o cabelo do rosto dela, eu a beijo na bochecha quente e coloco as cobertas ao redor dela mais apertado, saindo do seu quarto bem devagar. Um suspiro me deixa quando eu fecho a porta e ando pelo corredor até a cozinha, puxando uma cerveja Stella bem gelada da geladeira. Por mais movimentada que minha vida possa ser, especialmente

[11] Nome do Livro: Amor para sempre

nos fins de semana em que trabalho, posso me acostumar com isso.

Eu *quero* me acostumar com isso.

Mila está crescendo tão rapidamente e parece que eu já perdi tanto. Só de pensar em perder um pouquinho mais faz meu peito apertar.

Não é algo que eu possa fazer muito agora. Vou ter que discutir isso com Calla em outro momento. Sua atitude quando ela vier buscar Mila na noite de domingo determinará em quanto tempo depois do fato eu vou agir.

Tomando alguns goles da minha cerveja, eu caio no sofá e levanto meus pés na mesa de centro. Ligo a TV e procuro por algo para assistir. *Impractical Jokers*[12] parece ser um bom caminho a percorrer. Eu já assisti quase todos os episódios, mas eles ainda me fazem rir.

Meia hora depois, Quinn apelidou o — Big Loser— para a noite quando, de repente, duas batidas suaves soam na minha porta.

Que inferno?

Eu coloquei minha garrafa agora quase vazia na mesa de café e me arrastei para a porta da frente, olhando através do olho mágico.

Meus olhos quase desaparecem completamente.

Dizer que estou surpreso com o que, ou devo dizer *quem*, está no corredor bem iluminado, não é nem mesmo falar de leve.

Não consigo abrir a porta com rapidez suficiente.

— Ei, — Vida diz suavemente, olhos verdes espreitando para mim timidamente sob os cílios molhados.

[12] Série de TV americana

Ela está encharcada, da cabeça aos pés, suas roupas agarradas às curvas de seu corpo. Eu tenho que reprimir uma risada porque ela parece tão foda... fofa.

— Você gosta de passear na chuva com frequência? — Eu brinco, inclinando-me para ela através do batente.

— Você está brincando comigo? Eu odeio chuva. Transforma isso, — ela aponta para o cabelo, — em uma bola de frizz.

— Assim você ficaria menos bonita.

Vida revira os olhos.

— Você não pode fazer isso?

— Fazer o quê?

— Essa conversa doce.

— Eu não sou doce falando com você. — Eu sorrio.

— Sim você é.

— Não, eu não sou.

— Você é, — ela estala, sua crescente frustração aparente e absolutamente adorável.

Inclinando-me ainda mais perto, inclino minha cabeça para um lado e sorrio com desdém.

— Eu não sou.

— Jagger! — Ela choraminga, empurrando meu ombro. — Você vai me deixar entrar ou não?

Está certo, *então* eu *realmente* noto que ela está encharcada.

À minha porta.

Água escorrendo pelo pescoço, peito, por *toda parte*...

Eu engulo em seco, passando a mão pelo meu cabelo para evitar puxá-la para o meu apartamento e empurrá-la contra a parede.

— Eu vou deixar você entrar... se você me disser por que você está aqui.

Vida dá de ombros sem compromisso, oferecendo-me um sorriso torto.

— Cheguei em casa depois daquelas reuniões terríveis, servi uma taça de vinho e, antes que percebesse, voltei para o carro para ver você apesar da chuva.

— Só não podia ficar longe, não é? — Eu brinco, balançando minhas sobrancelhas, e ela me surpreende - mais uma vez - com um aceno gentil.

— Algo parecido.

Em sua resposta, eu me afastei para deixá-la entrar, apenas para pegá-la pela cintura e apertar seu queixo, roçando meus lábios suavemente contra os dela.

— Eu gosto dessa resposta.

— Você deveria, porque é a verdade.

Sorrindo, eu a beijo novamente e fecho a porta.

— Vamos secar você primeiro.

— Eu pensei que você gostasse de mim molhada, — ela sussurra, aparentemente inocente.

Ela está tentando me matar?

Mergulhando minha cabeça para baixo, eu deslizo minha língua entre seus seios e absorvo as gotículas agarradas ao seu peito, as que escorrem pelo seu pescoço também...

— Eu gosto de você molhada, encharcada se estou sendo honesto, mas imaginei que você gostaria de algumas roupas quentes enquanto você aguarda a tempestade passar.

— Estou surpresa que você esteja me oferecendo qualquer roupa, — ela respira, envolvendo os braços em volta do meu pescoço.

— Touché, mas a única razão é porque Mila está aqui.

Vida continua contra mim.

— Oh meu Deus –é verdade. E aqui estou...

— Sendo uma megera malvada, que eu adoro a propósito. Nós só teremos que ficar quietos desde que ela está dormindo. Acha que pode se comportar?

Um aceno mudo é minha resposta, mas se o sorrisinho astuto que ela brilha para mim enquanto eu a conduzo através do apartamento para o meu quarto diz alguma coisa, é que ela não acha que *eu* possa *me* comportar.

Ela provavelmente está certa.

Com Mila ou sem Mila, eu tenho *desejado* essa mulher por semanas, recebendo pequenos gostos aqui e ali. E agora aqui está ela - na minha casa, sem Betty ou quinze minutos de regra à vista...

— Essa camiseta vai funcionar muito bem, — diz ela enquanto eu procuro através da minha cômoda por um par de calças de moletom que *podem* caber nela.

Virando a cabeça para ela, arqueio uma sobrancelha curiosa com o quão descarada a admissão dela soa.

— Tanto para se comportar, hein?

— Estou apenas dizendo. — Ela engancha um ombro. — Eu vou ter que enrolar suas calças um milhão de vezes para que elas caibam, mas eu garanto que a camisa é comprida o suficiente para cobrir as mercadorias.

— E se eu não quiser que elas sejam cobertas?

Esses lábios se curvam de maneira insolente.

— Não comece...

— Baby, você começou há *muito* tempo.

— Ei, não é minha culpa que eu fiquei encharcada no meu caminho até aqui.

— Eu não estou falando sobre hoje à noite, quero dizer desde a primeira noite que eu vi você, — eu digo, empurrando a gaveta e a fechando e indo em direção de onde ela está. Meus braços circulam sua cintura. — Você não tem idéia do quanto você me fez mal, não é?

Vida engole, todo o seu corpo tremendo em minhas mãos enquanto ela balança a cabeça.

— Você tem certeza que não é só oops, eu transei com a minha cliente e por acaso goste da síndrome da sua boceta?

— Não. Eu admito, eu já peguei muitas bocetas do clube, mas eu nunca gostei de nenhuma delas o suficiente para querer *apenas* sua boceta. Você concorda? — Eu zombei, prendendo-a rudemente contra a parede, uma mão firme em sua mandíbula. — Eu ainda não tinha estado dentro de você e eu já estava perdendo a porra do meu controle por você.

Há um engate em sua respiração.

Um breve engate no tempo enquanto nos encaramos.

— Posso ser honesta? — Sua pergunta vem depois de uma batida.

Eu concordo.

— Sempre.

Ela respira fundo, como se estivesse procurando coragem para o que quer que ela esteja prestes a falar, e então deixa escapar.

— Eu nunca senti isso antes, Jag, com ninguém - nem mesmo com Carl. Francamente, é assustador demais, rápido demais, e meu cérebro continua me dizendo que isso não é nada mais do que um desastre esperando para acontecer. Talvez seja, você sabe, mas eu sou tão viciada nisso, em *você,*e não consigo encontrar uma boa razão para deixar essa coisa entre nós fracassar.

Sua concessão literalmente me deixa sem palavras. Enrolando. Eu não sei como responder, o que fazer. Ela sente isso também, essa urgência, essa química louca entre nós.

Alimentado por um propósito renovado e um profundo senso de propriedade, eu sou rápido em descartar minhas calças, ansioso para apagar todas as dúvidas de sua mente.

— Tire suas roupas, Vida…

— O quê? Por quê?

— Apenas faça isso, — eu grito, uma leve ordem no meu tom de voz.

Com as mãos trêmulas, ela abre a saia lápis cinza carvão por trás. A roupa encharcada fica a seus pés. Sua tanga segue, logo sua blusa e seu sutiã.

Qualquer outra mulher teria ficado ali sem jeito, mas Vida brilha. Sem vergonha, ela me dá um olhar que grita — *Você está vestido demais.*

Nenhum de nós fala enquanto eu tiro minhas roupas, jogando elas de lado. Lábio preso entre os dentes, ela observa com olhos gananciosos.

Bebe até o ponto em que nunca me senti mais exposto e, de alguma forma, tão poderoso também.

No topo do maldito mundo.

Estou em chamas por essa mulher e quero que ela queime por mim também.

Apressando-a, eu a carrego em meus braços e bato a porta do meu quarto. Nossos lábios batem freneticamente, uma mistura caótica de dentes e línguas famintas enquanto eu ando até a minha cama.

Uma cama em que nenhuma mulher já esteve porque eu não permiti.

Nem mesmo Calla.

Mas Vida é diferente. Eu a quero aqui, na minha cama, minha casa, minha vida.

O colchão mergulha sob nosso peso. Pairando sobre ela, vendo-a embaixo de mim, e não em cima, como se o clube selasse o acordo.

— O que você está fazendo, — Vida sussurra enquanto eu coloco beijos suaves e molhados em qualquer lugar ao meu alcance.

— Mostrando-lhe por que deixar isso fracassar não é uma opção, — eu rosno, afundando em seu calor tão fodidamente sem esforço, eu quase acabo com a minha energia.

É a primeira vez que eu a fodo nu e não há como voltar atrás agora.

Ela é impossivelmente, surpreendentemente mais apertada, mais úmida.

Como se sua boceta fosse feita para mim.

Enroscando nossos dedos juntos, levanto seus braços acima de sua cabeça, dirigindo-a sem pressa com golpes profundos e precisos. Aqueles pequenos gemidos e ofegos saindo em meus ouvidos fazem com que seja quase impossível aguentar o tempo que eu quiser. Ela soa tão

fodidamente sexy, ofegando meu nome, implorando por mais, sua boceta apertando meu pau.

— Ainda pensando em terminar? — Eu pergunto enquanto as pernas dela fecham em volta da minha cintura.

— Não, — ela respira.

— O que foi? Eu não ouvi muito você.

— Não…

— Tem certeza que…? — Eu me aproximo, beliscando a curva do pescoço dela.

— Sim, Deus, sim, tenho certeza, — ela geme, arqueando as costas para fora da cama.

O jeito que ela parece agora…

Boca aberta.

Seios saltando.

Cada centímetro de seu corpo exposto para mim.

Porra.

— Não vire as costas, Vida; Estou falando sério. *Você é minha.* — Eu falo, aumentando o ritmo.

Ela balança a cabeça sem pensar.

— Sua, toda sua.

Feito. Terminei. Sua admissão me deixa como uma bomba-relógio.

Mais rápido.

Mais fundo.

Eu bombeio nela, bato em seus lábios como um homem faminto.

Cada golpe amplifica a intensidade de seus gemidos. Revirando os olhos, ela leva a mão à boca e morde dois dedos

na tentativa de se conter. Apesar do fato de Mila poder acordar, eu continuo, correndo para a linha de chegada porque *estamos bem lá*.

— Eu vou gozar, eu vou gozar! — Ela sussurra, tremendo as pernas, outra advertência para si mesma.

E assim que sua boceta literalmente sufoca meu pau, eu jogo minha cabeça para trás em êxtase e lanço minha liberação profundamente dentro dela, jogando-a no colchão até que eu desmoronei em cima dela em uma bagunça suada e sem fôlego.

Capítulo 9



VIDA ACABOU passando a noite na minha casa. Não foi intencional, nós dois desmaiamos e fomos acordados por uma Mila faminta por volta das nove da manhã seguinte.

Mila ficou encantada.

Vida, por outro lado, ficou um pouco preocupada, preocupada que Calla ficaria puta quando Mila dissesse que tinha conhecido-a amiga do papai. - Assegurei que lidaria com isso se ela tornasse um problema, conhecendo Calla, faria.

Ela ia ter que se acostumar com isso de uma forma ou de outra, especialmente porque Vida não era aleatória. Não que Calla soubesse disso ainda, mas, em qualquer caso, ela iria em breve, e ela teria que aceitar que Mila estaria perto dela, se ela finalmente permitiria que ela começasse a passar a noite ou não.

Mila tornou impossível que Vida permanecesse em seu estado cauteloso. Um simples biquinho de seus pequenos lábios enquanto ela implorava para que ela ficasse para o café da manhã era o suficiente.

Literalmente.

Eu nunca vi alguém cair tão rápido, além de mim, é claro. Aquele beicinho podia derreter até mesmo o filho da puta mais difícil.

No final, Vida permaneceu. Eu cozinhava, elas tocavam - era o meu próprio céu doméstico. Ela era natural com Mila e eu podia dizer que Mila estava amando tanto quanto eu.

Fez com que ela saísse com força de nós dois. Ela queria que Vida brincasse com ela o dia inteiro e eu estava apenas sendo ganancioso, sabendo que não seria capaz de vê-la novamente até dois finais de semana depois.

A menos que ela tivesse tempo para mim durante as semanas que antecederam.

O que nos leva ao aqui e agora - uma semana e meia depois.

Vida não tem sido ela mesma ultimamente. Ela *admitiu* que Carl tem sido mais persistente do que nunca, mas eu sei que há mais que ela não está me dizendo. Eu queria perguntar, cheguei perto algumas vezes, imaginando se nossa manhã com Mila a assustara, mas decidi esperar até estarmos a sós.

Queria esperar até poder senti-la e avaliar nossa interação.

— Se você estava tentando garantir que você iria me ligar para sempre, você definitivamente fez isso agora, — eu digo para Vida, gemendo ao redor da última mordida de lasanha no meu prato. — Você nunca vai se livrar de mim agora.

Ela ri baixinho, sacudindo a cabeça da mesma forma que fez a noite toda.

— Estou feliz que você gostou.

— Gostou? Eu estou amando

— Bem, há muito para você levar para casa, — acrescenta ela, levantando-se do seu lugar, com a mão estendida para o meu prato.

Expulsando-a com um toque brincalhão no pulso, eu a sigo até a cozinha de seu apartamento, notando a maneira como ela me observa por cima do ombro.

Sim. Algo está definitivamente errado, e você pode ter certeza de que eu vou descobrir.

— O que há com você ultimamente? — Eu questiono quando ela abre a torneira e espreme um pouco de sabão em uma esponja.

— Nada…

— Vida, você sabe que não vai esconder isso, baby. Diga-me, — eu aguardo, colocando meu prato na pia atrás dela.

Mas ela balança a cabeça e me acena com desdém.

— Apenas me ignore. Eu juro que é apenas eu pensando demais. Eu vou superar isso.

— Em que você está pensando demais?

— Isso. *Nós.*

Eu ainda estou atrás dela, mentalmente amaldiçoando o fato de que eu estava um pouco certo. A maneira como ela disse também dói, embora eu não ache que isso tenha sido intencional.

Tomando a esponja ensaboada de seu alcance, eu a coloquei de volta na sua pequena bandeja, fechei a torneira e girei-a com rapidez. A preocupação de franzir as sobrancelhas não passou despercebida.

— Por quê? — Eu pergunto e, felizmente, sua necessidade de hesitar é curta, me tirando da minha preocupação.

— Eu te disse na outra noite, Jag. Isso é assustador, ok? Como isso aconteceu? Quando? Quero dizer, tudo o que

fiz foi piscar e nunca mais consegui parar. O que eu sinto por você é normal?

— Porque eu também sinto isso. — Eu seguro seu rosto. — Eu *sinto* isso.

— Você sente? Você realmente sente? Porque eu estou aqui tentando me convencer de que isso é real e não uma estranha invenção da minha imaginação.

— Confie em mim, — eu aceno com a cabeça. — É real para caralho. *É por isso que eu quero isso.*

Ela me observa por um momento e solta uma respiração confusa.

— Isso é loucura…

O que é louco é o quanto de uma cadela a dúvida é. Como uma emoção poderia ter o poder de destruir as melhores coisas de nossas vidas? Já tinha me roubado tanto tempo com minha filha por assombrar Calla.

Eu não ia deixar isso acontecer novamente.

Esfregando meus polegares ao longo de suas bochechas, eu a abraço confusa e incerta, esperando que ela veja a convicção em meus olhos.

— Por que o prazo é importante? Eu ainda estou aqui, certo?

— *Isso é o* que eu mais questiono, — ela sussurra.

Minha cabeça recua por vontade própria.

— O quê? Por que eu ainda estou aqui?

Um pequeno aceno de cabeça.

Suspirando, eu a atrai para mais perto.

— Eu já te disse isso. *Eu só quero você*, e também não é um segredo.

— Então, o que é? Um homem como você, que faz o que você faz, pode ter qualquer mulher que você queira. No entanto, você está atrás de uma com bagagem ativa. Por quê? — Ela enfatiza.

— Eu não posso explicar isso, Vida. Você virou meu mundo de cabeça para baixo quando eu menos esperava. Depois de Calla, vivi a vida de solteiro. Não achei que eu iria querer estar com uma pessoa novamente. Mas desde que você apareceu tem sido assim, — eu movo entre ela e eu, — *nós,* o que quer que você queira chamar, eu só quero você. Vendo você em minha casa, enquanto Mila estava lá, vendo vocês duas rindo e brincando enquanto eu fazia o café da manhã, era tudo o que eu queria. É tudo que preciso...

Bang, bang, bang!

A porta.

Alguém está na porta.

Que diabos?

Vida parece tão confusa quanto me sinto com a súbita intrusão, sua mão caindo no meu peito para passar por mim. Ela sobe na ponta dos pés e olha através do olho mágico, seus olhos correndo para os meus nervosamente quando ela se afasta, sem palavras trocadas. Tudo o que ela oferece é um dedo nos lábios, sinalizando para eu ficar quieto.

Com um rápido movimento das fechaduras, ela abre a porta e se coloca entre o batente.

— O que você está fazendo aqui? — Eu a ouço perguntar quem está do outro lado.

Seu visitante limpa a garganta - sim, a *dele um* outro homem - e então ele diz:

— Eu estava limpando o porão quando encontrei isso.

— Ok, e o ponto seria?

— Apenas trouxe de volta memórias tão boas. Eu imaginei que talvez você gostaria de compartilhar comigo depois que você visse. Você sabe que eu nunca seria capaz de beber isso com ninguém além de você, — ele acrescenta o último pedaço com pressa.

Enquanto estou lá na cozinha, ouvindo a conversa deles soar, a lâmpada finalmente se acende na minha cabeça.

O cara na porta é o ex dela, Carl. Tem que ser, e o fato de que ele não vai desistir de tentar reivindicá-la me deixa imediatamente de mau humor.

Quantas vezes ele vem?

Ela nunca deixa ele entrar?

Ele sabe alguma coisa sobre mim?

Considerando o fato de que ela me pediu para ficar quieto, duvido, e a possibilidade só serve para me irritar ainda mais.

Independentemente do fato de eu não ter o direito de ficar irritado.

Ainda assim, esse senso de propriedade profundamente enraizado me segura e eu não posso - pela minha vida - me impedir de fazer o que segue - especialmente quando Vida parece estar ficando cada vez mais agitada com o fato de que ele não vai sair porra.

Indo para onde eles conversam, eu abro a porta um pouco mais e me deixo ser visto por trás de Vida. No momento em que ela me sente nas costas, todo o seu corpo fica rígido. Ela respira fundo assim que abro a boca.

— Você sabe, eu estava tentando ser respeitoso com os limites e toda essa merda, algo que obviamente você não parece saber fazer. — Minha cabeça inclina para um lado. — Mas quando você vem bater na porta do meu encontro e interrompe o *meu tempo* com ela, perco qualquer interesse em

ser atencioso. Aparecendo na porta dela um pouco tarde demais, não acha, amigo?

— Quem diabos é você? — Ele pergunta em um rosnado, olhos castanhos se estreitando em pequenas fendas.

O filho da puta é grande para caralho, talvez alguns anos mais velho que eu, mas eu posso dar conta dele.

Seu pênis é provavelmente menor que meu mindinho.

— Eu sou o cara novo e você provavelmente deve se acostumar a me ver por aí, se você vai ter o hábito de passar sem ser anunciado.

— Ela é minha esposa, acho que estou autorizado a estar aqui quando quiser, — ele responde, levando-me a reprimir uma risada.

— Uhhh, eu acho que você quer dizer *ex*-esposa. Ela é sua ex, mano, e agora, ela é minha, tanto quanto assistir a mais uma tentativa fraca de...

— Ok, chega— Vida bate, empurrando-me para trás até que eu esteja fora de vista. — Carl, você precisa ir, sério. Por favor, não apareça aqui sem avisar novamente - na verdade, não apareça. Eu continuo dizendo isso, mas, você precisa aceitar que já estamos há muito tempo separados e, não importa o quanto você tente, eu não vou voltar.

Slam!

Oh sim, ela fez.

Bateu a porta em seu rosto, que por sua vez, trouxe um enorme sorriso através do meu. Exultante e orgulhoso de sua afirmação, eu vou em sua direção, meus braços estendidos para pegá-la.

— Você acabou de esmagar o ego dele, baby. Estou tão...

— Cale a boca, Jagger, cale a boca, — ela estala, balançando as mãos em frustração.

Eu paro no meu caminho como um balão desinflado.

— O que diabos eu fiz?

— Você está falando sério? — Ela faz um gesto para a porta. — O que você estava fazendo?

Estou tão completamente surpreso, nem sei o que dizer.

— Eu estava ajudando você a se livrar dele.

— Não, você estava mijando em cima de mim, na esperança de intimidá-lo. Já é ruim o suficiente ele estar atrás de mim regularmente. Você sabe o quanto ele vai me assediar agora? Por que isso foi necessário? Qual era o sentido disso tudo?

Merda.

Encolhendo os ombros, eu esfrego a mão na parte de trás da cabeça.

— Eu pensei que ele me vendo poderia ajudá-lo a perceber que você seguiu em frente.

— Sim, bem, você pensou errado. Eu posso estar com você, mas não me lembro de pedir sua ajuda. Eu sou uma menina grande, Jag, eu sei como cuidar de mim mesma. Tenha boas maneiras e pare de assumir que você pode simplesmente tomar decisões para as pessoas como quiser.

— Vida, baby, me desculpe, eu não tinha idéia... — Eu paro quando ela levanta a mão, uma expressão de nojo gravada em seu rosto.

— Pare com isso, sério. Apenas vá.

— Ir aonde?

— Vá, embora, — ela afirma, jogando a porta aberta.

Meu coração dispara até a minha garganta. Meu estômago se agita. Se eu soubesse que minhas ações levariam a isso, eu nunca teria saído da cozinha.

Eu estava apenas tentando ajudar...

— Me desculpe amor. Eu juro que não...

Outra mão na minha cara.

— Não me chame de *amor,* Jagger. Apenas vá. Eu preciso de espaço.

— Espaço? Por quanto tempo? — Eu pergunto, parando no batente da porta, na esperança de que ela mude de idéia com a dose de remorso que estou ostentando.

— Eu não sei. — Ela encolhe os ombros. — Talvez para sempre.

E então eu também tive aquela maldita porta batida na minha cara.

Capitulo 10



EU ESTAVA UMA BAGUNÇA.

E desta vez foi muito pior do que o meu rompimento com Calla. Apenas que Vida e eu realmente não desistimos se você realmente pensa sobre isso. Tudo o que ela disse foi que precisava de espaço, o período de tempo indeterminado e inegociável.

O resultado não parecia promissor, no entanto, se você me perguntasse.

Ela não estava respondendo aos meus textos.

Continuamente descartou minhas chamadas.

Não retornava meus correios de voz.

Eu não sabia o que fazer e, sinceramente, não sabia quanto mais poderia suportar. Fazia quase um mês e eu estava prestes a voltar aos velhos hábitos - a saber, o álcool.

Eu sei, eu sei, uma decisão ruim, mas a bebida ajudou a entorpecer o jovem Jag quando ele precisava, e eu realmente precisava disso agora.

Foi tão horrível que eu só queria esquecer?

Apagá-la de minhas memórias era infinitamente melhor do que atormentar-me com isso.

Não se preocupe, os meninos não me deixaram em qualquer lugar perto do bar durante meus turnos, e Betty não me deu mais do que duas doses, então não foi exatamente o método de enfrentamento mais fácil de se

agarrar. Além disso, permitir-me alcançar esse ponto só provaria que eu atingira o fundo do poço, e eu não pensei exatamente em me levantar dessa espiral descendente seria tão fácil quanto da última vez.

Mesmo que Vida nunca tenha sido minha, essa merda doeu muito mais do que ver a mãe da minha filha ir embora.

Por quê?

Porque o que eu sentia por ela era mais real e magnético do que qualquer coisa que eu já senti antes. Para mim, ela *era* minha. Quando eu a abracei, quando a beijei, toquei nela, peguei ela... ela era minha.

Obviamente, eu estava errado.

É por isso que perder Vida me fodeu mentalmente. Eu também tenho lutado no trabalho, incapaz de me reconectar com o stripper que derrete calcinhas que as mulheres esperam ver quando se arrastam para seus lugares antes de um show. Minhas rotinas são meio idiotas, VIP é ainda pior. Betty também ameaçou me demitir em uma ocasião.

Mas isso não deu o pontapé na minha bunda também.

Eu apenas não estou sentindo isso e eu não pude deixar de me perguntar se SIX é o próximo a ir pelo ralo também. Foi tirado todo o resto de mim, então porque não, certo?

Depois de outra rotina robótica que mal me lembro, os meninos e eu nos reunimos no provador antes de nos dispersar como de costume. Eles estão todos sensacionalistas, rindo e fodendo por aí sem nenhuma preocupação no mundo. Enquanto isso, estou pendurado para o lado, bebendo meu Red Bull em transe. Eles ficaram tão acostumados ao meu novo eu reservado, nenhum deles se incomodou em perguntar o que está acontecendo, já que eu nunca falo.

Então, quando eles começam a sair pela porta para voltar para a sala principal sem esperar para ver se estou acompanhando, fico surpreso ao ver Sinclair fechar a porta atrás deles e cair no sofá ao meu lado.

Suspirando, ele se ajoelha e bate as mãos.

— Tudo bem, cara, despeje. O que está errado? Você andou por aqui como um grande idiota por um mês. Eu não tenho pressionado porque eu sei o que é não querer falar, mas se você não superar logo, Betty literalmente vai te jogar na rua.

— É Vida, — eu praticamente solto, apertando a ponta do nariz com o quão fodidamente desesperado eu pareço.

— Eu percebi isso, mas o que aconteceu?

— Um desastre que eu deveria ter visto quando eu abri minha boca grande.

Ele faz um gesto para eu continuar, então eu esfrego a mão no meu rosto e respiro fundo.

— A versão curta? Seu ex apareceu sem avisar depois que jantamos, ela não parecia muito satisfeita em encontrá-lo em pé do outro lado da porta, e quando ficou claro que ele não tinha intenção de ir embora, eu não pude me impedir de deixá-lo saber que ela não estava sozinha. Eu basicamente mijei em cima dela no processo e ela não gostou disso.

Sin suga um monte de ar entre os dentes e balança a cabeça.

— Eu nem preciso ouvir o resto. Errado de sua parte, com certeza, especialmente quando ela era apenas seu encontro de fim de semana. Eu entenderia se fosse Ca...

— Vida não é apenas uma mulher de fim de semana, — rosno defensivamente.

Um sorriso divertido se espalha em seu rosto enquanto ele levanta as mãos em sinal de rendição.

— Meu erro, cara, meu erro. Diga agora.

— Não há nada para dizer, ela é apenas diferente.

— Diferente como?

— Quando estou com ela, — eu começo, mas as palavras rapidamente me deixam, deixando-me lá com a minha boca aberta como uma putinha.

Jesus Cristo, eu sou patético.

Sin aparentemente também pensa assim. Sua diversão cresce em dez vezes mais e eu luto para falar.

— Bem?

— Eu não sei, cara, eu não posso explicar essa merda.

— A boceta é tão boa, hein? — Ele pergunta, balançando as sobrancelhas.

— Cale a boca, — eu grito.

— Tudo bem, tudo bem, — ele ri, — então ela não é uma mulher de fim de semana e você é chicoteado por bocetas. O que mais?

Eu abro a boca como um pássaro, mas, de alguma forma, consigo formar algum tipo de sentença.

— Ela é só... mais. Muito mais. Exatamente o que eu quero e preciso.

— Então por que não ir atrás dela?

— Eu estou tentando, ela não me responde, — eu explico, meu tom derrotado e desesperado quando eu coloco minha cabeça em minhas mãos.

— Eu não quero dizer ligar para ela, Monroe. Eu quero dizer fisicamente ir atrás dela. Ações falam mais alto que palavras, mano. As mulheres precisam ver essa merda.

— Eu não quero outra maldita porta na minha cara.

— Mas você a *quer?* — Ele responde, puxando meu olhar em sua direção.

— Obviamente, idiota.

— Então, esse é um risco que você terá que estar disposto a correr. Pense nisso dessa maneira... Se você for vê-la e ela receber você de braços abertos, então bom, é o que você quer, certo? Mas se ela te calar e disser para você se foder, pelo menos você terá uma resposta firme ao invés de estar no ar. Às vezes, o fechamento é melhor que nada.

Às vezes o fechamento é melhor que nada...

De todas as pessoas que me deram um bom conselho, nunca esperei que fosse o idiota sem emoção.

Fale sobre mente explodida agora mesmo.

— Eu não quero o maldito encerramento, eu só quero ela, — afirmo.

— Então pare de ficar deprimido por aqui e vá buscá-la. Eu cobrirei você, — ele me garante, batendo nas minhas costas.

Então eu parti.

Com a ajuda de Sinclair, eu pulo na LC e corro pelas ruas até o apartamento de Vida, me sentindo mais vivo do que em semanas.

Ele tem razão.

Vida precisa ver o quanto eu preciso e quero ela na minha vida. Ela precisa ver o quanto eu sinto muito.

Tudo o que posso fazer agora é apresentar o melhor pedido de desculpas de todos os tempos e espero que ela se importe o suficiente para aceitar.

Capítulo 11



ESTOU cara a cara com a porta dela por uns bons cinco minutos.

Batendo meu punho contra ela freneticamente.

Chamando o nome dela em súplicas.

Mas ela não vai responder.

Ou ela não está em casa ou não vai me dar uma hora do seu dia.

Derrotado não cobre bem como me sinto. Por que eu esperava algo diferente? Eu não sei. Talvez seja a bela foto que Sin pintou para mim durante seu discurso do tipo Dr. Phil.

Idiota do caralho.

Isso é injusto da minha parte, eu sei. O homem estava tentando ser um bom amigo e, na realidade, eu não tenho ninguém para culpar, exceto eu.

Mas eu quero culpá-lo, amaldiçoando-o para o inferno e voltando enquanto me afasto da porta com a intenção de sair.

Até eu ouvir um gritinho do chão do outro lado, é isso.

Sim.

Sim, foda-se, sim.

— Eu sei que você está aí, Vida. — Minha voz bate nas paredes do corredor. — Atenda a porta, *por favor.*

— Basta ir embora, Jagger, — diz ela com firmeza.

O fato de ela estar ali me dá uma pequena esperança.

— Não, não até você me ouvir.

— Estou ouvindo. — É tudo o que ela oferece e, embora não seja exatamente como quero que isso aconteça, os mendigos não podem escolher.

— Eu só... eu só quero que você saiba que eu sinto muito, ok? Eu sei que já disse isso um milhão e cinco vezes, mas é a verdade. Sinto muito por cruzar a linha. Foi injustificado e inadequado, especialmente depois da nossa conversa antes de Carl aparecer. Eu posso fazer melhor, Vida, eu juro para você.

Silêncio.

E silêncio.

E mais silêncio.

Essa pequena lasca de esperança se transforma em confete antes que eu possa agarrá-la com força. Ela não vai se mexer, não importa o que eu diga ou o quanto eu tente. Ela deixou claro no último mês, mas agora é de cristal para caralho.

Ás vezes o fechamento é melhor que nada.

As palavras de Sin soam em minha mente e, embora eu não queira, sua resistência neste momento fala alto o suficiente. Tem que ser feito independentemente de quão doloroso possa ser.

De quanto isso vai me foder até Deus sabe quando.

Droga.

Pressionando minha testa na porta, minha mão enrolada em punho em sua superfície fria, eu suspiro.

— Eu sinto sua falta, Vida. Eu sinto tanto sua falta. Mas eu não posso continuar fazendo isso, para você ou para mim mesmo. Eu só vim aqui esta noite porque queria que você

visse que eu estava falando sério, que eu estava realmente arrependido. — É uma luta para dar o próximo passo, mas em uma respiração profunda, eu me forço a passar por isso. — Eu não sei se vou encontrar alguém como você, mas sei que nunca vou esquecer de você.

E com isso, eu me afasto da porta e desço as escadas com o coração pesado. O dito coração pesado se divide completamente em duas peças mutiladas no momento em que eu deslizei para o LC e liguei o motor.

Acabou.

Acabou e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Agora eu tenho que viver com o fato de que eu estraguei tudo, que eu perdi uma mulher única na vida para um show de propriedade imaturo, movido a testosterona.

Deus, sou idiota.

Tão fodidamente estúpido.

Raiva e auto aversão consomem minhas emoções. Eu bato meu punho no volante uma e outra vez com uma força alarmante antes de me empurrar de volta para o assento uma, duas, três vezes.

Eu também teria continuado, se não fosse o meu celular tocando no meu bolso.

Pensando que poderia ser Vida, eu peguei com uma mão tão rápido, que quase derrubei no chão. A tela não revela o nome que eu quero ver, claro que não, porque você sabe, esse é o tipo de merda que você só vê nos filmes.

— Olá?

— Ei, — diz Calla, sua voz suave, quase mansa. — Você tem um minuto?

— Sim. — Eu respondo impacientemente, apertando meus olhos fechados.

— Eu, hum, eu percebo que isso é extremamente de última hora, novamente, então se você não pode fazer isso, eu entendo totalmente, mas... Mila seria capaz de passar a noite com você no próximo final de semana? Tudo bem para você?

Ao pedido dela, eu me sento um pouco mais ereto. Com toda a situação de Vida me atrapalhando, eu não ousei perguntar a Calla sobre Mila dormir em minha casa regularmente. Eu simplesmente não conseguia lidar com outro golpe em potencial.

— Sim, eu estou de folga, e claro que ela pode ficar. Você não precisa me perguntar, Calla. Eu *quero que* ela fique. Eu te disse isso da última vez...

— Eu sei, — ela concorda. — Eu acho que só queria ter certeza.

— Está tudo bem? — Eu pergunto.

— Tudo bem, tudo está mais do que bem. Eu só, hum, estou indo a um encontro com um cara que eu comecei a ver recentemente, e ele me pediu para passar a noite.

Eu me encolho, mas não é porque ela está namorando. Ela tem estado sozinha desde que ela me deixou. Estou me encolhendo porque, não muito tempo atrás, era eu que estava namorando.

E é mais um lembrete de que eu perdi isso.

Capítulo 12



— JAG— É Paulie quando ele enfia a cabeça no vestiário na noite seguinte.

Tomando outro gole do meu Red Bull, eu inclino meu queixo do sofá não muito longe em resposta, levando-o a entrar. Ele fecha a porta atrás de si, abafando os sons estridentes de Pretty Ricky[13] de uma das rotinas de Ronin.

— Sin precisa da sua ajuda na sala VIP. Há como seis delas lá dentro, — ele explica, parecendo extremamente desconfortável considerando que ele sabe qual será a minha resposta.

— Sério? — Eu grito e ele concorda com a cabeça.

Foda-se isto.

Depois do meu rompimento com Vida… não consegui.

Eu não queria.

Eu não queria, porque agora eu entendia - em grandes detalhes - por que Betty não queria que a gente ficasse lá dentro desobedecendo as regras. Não só este lugar não foi licenciado para isso, como também poderia fazer coisas muito complicadas se decidirmos nos envolver com um cliente. Ainda assim, nós fizemos, e até agora tinha sido fácil para todos nós.

Todas as coisas boas devem chegar ao fim.

[13] Cantor de Musica

Então, enquanto eu mal estou lutando contra os tremores de tal caos, os garotos me cobrem regularmente, mesmo que eles não saibam o porquê. Betty não percebeu, mas sei que é apenas uma questão de tempo antes que ela perceba.

Estou sinceramente surpreso que ela já não tenha percebido. Aquela mulher - por mais que seja maluca como ela é - normalmente está em sintonia com tudo e todos.

E quando ela descobrir, ela pode me demitir de verdade dessa vez.

Com um gemido inoportuno, eu saio do meu lugar e jogo minha lata no lixo, seguindo Paulie para fora do quarto.

Ele olha para mim enquanto nós entramos e me dá um tapinha no ombro, um sorriso pensativo pegando um canto de sua boca.

— Eu faria isso, mas ele diz que elas continuam perguntando por você.

Essa é a história dele e eu aceito porque, sinceramente, não é culpa dele. Essas garotas podem ter estado aqui para nos ver, mas elas vêem as fotos da sala VIP. Elas perguntam, nós entregamos, e se eles são inflexíveis para eu participar, Sinclair vai ter certeza quando eu entrar na sala, se eles têm que me arrastar para lá ou não.

Saindo da parte de trás da cortina, percorremos a leve desordem da sala principal. Está lotado, mas a minha visão túneis no caminho claro que leva a sala VIP. Eu escovo passado qualquer e qualquer mão estendendo a mão para mim, ignorar os sons do meu nome sendo chamado. Eu só quero acabar com isso e ir embora para casa.

Quanto mais rápido, melhor para caralho.

Na entrada do corredor, Paulie e eu batemos os punhos antes de seguirmos nossos caminhos separados. Apenas

estar nesse corredor guarda lembranças que não quero pensar.

Mas eu os empurro para o lado e abro a porta. Espero ver Sin reunido em torno de seis mulheres barulhentas de acordo com a história de Paulie.

Mas o que me espera é tudo menos isso.

— Vida, — eu falo.

Eu ouço a porta se fechar atrás de mim enquanto fico parado, imóvel, chocado com a merda absoluta. Meus pés enraízam no chão abaixo de mim enquanto eu a levo para dentro. Eu não posso nem mesmo te dizer o que ela está vestindo porque eu estou convencido de que isso é algum tipo de pesadelo fodido que eu estou prestes a acordar de qualquer minuto agora.

— Oi. — Ela sorri, passando uma mão nervosa pelo cabelo.

— O que você está fazendo aqui? — Eu falo, esperando estar sonhando.

— Vim para ver você, — ela responde.

— Por quê?

— Por que... porque eu não quero perder você. — Sua voz está tão baixa que eu teria perdido se eu não estivesse olhando para ela.

— O que você acabou de dizer?

— Eu não quero perder você.

Sem palavras. Estou sem palavras. Não tenho certeza do que diabos fazer. Eu deveria acreditar nela? Eu deveria apenas esquecer essa merda entre nós?

— Não brinque, garota. Você está falando sério? — Meu peito arfa em antecipação, coração martelando estrondosamente.

Vida acena com a cabeça, torcendo os dedos juntos.

— Muito. Mais do que percebi quando deixei você ir embora ontem à noite. Eu me sinto tão estúpida, tão terrivelmente idiota por nos colocar através do que é claramente o inferno. Se é tarde demais agora, não tenho escolha senão entender. Mas eu só queria que você soubesse que...

Isso é...

Isso é tudo que preciso.

Estou em frente, envolvendo-a em meus braços e puxando-a para o meu colo antes que ela respire fundo. E tão instantânea como sempre, aquele fogo que só queima em sua presença, provocando meu sangue novamente.

Mais forte que nunca.

Enfiando a mão em seu cabelo, eu a puxo para perto, saboreando a sensação dela ao meu alcance. Embebedado em seu perfume.

— Jesus Cristo, Vida, você me tirou do meu juízo perfeito.

— Eu sei, eu sinto muito, — ela grita em um tom trêmulo.

— Você sabe? Eu estava uma bagunça, mulher, tudo por sua causa. Eu literalmente sinto que fui para o inferno e voltei. Eu estava perdendo minha sanidade. O que você fez comigo?

— Tudo o que você fez para mim. — É a mesma resposta que ela me deu na primeira vez que perguntei a ela todas aquelas noites atrás. — Eu também estava infeliz, sabe?

— Então, por que isso? — Eu a aperto mais forte. — Por quê? Eu poderia ter passado sem a insanidade.

— Culpe meu orgulho. — Ela encolhe os ombros. — Eu sou teimosa e cabeça-dura, isso define os meus caminhos. Eu posso guardar rancor pela eternidade e, quando estou com raiva, só quero ficar com raiva. É mais fácil do que sentir dor, do que sentir pesar, então fiquei dizendo a mim mesma que estava com raiva de você, mesmo que não estivesse zangada com ninguém além de mim mesma por fazer isso conosco. Suas mensagens me quebraram, dia após dia. Seu correio de voz também. Tudo o que eu queria fazer era chamá-lo de volta, dizer-lhe que estava tudo bem, que *estávamos* bem, mas por deixá-lo ir por tanto tempo, achei que seria melhor para nós dois deixar isso terminar.

— O que a fez mudar de idéia? — Eu questiono, procurando as profundezas desses olhos verdes.

— O que você disse ontem à noite. Ouvir que nunca mais saberia de você, que nunca mais o veria. Foi o tapa da realidade que eu precisava. Eu nunca vou sentir *isso* com mais ninguém, Jag. É o que você lê em livros, o que você vê na TV e nos filmes. Eu não estou deixando você. Por mais louco que seja, eu quero ser louca com você.

Eu sorrio como um fodido lunático doente de amor, já saboreando-a na língua.

— Bem, não se acostume com isso, porque estamos prestes a desacelerar as coisas, baby. Eu quero saborear isso.

E eu faria todos os dias, sem questionar, sem fronteiras.

Os olhos dela.

Os lábios dela.

Seu corpo perfeito que foi feito para mim.

Ela porra inteira.

Minha.

De verdade dessa vez.

E espero que um dia, *para sempre.*

fim